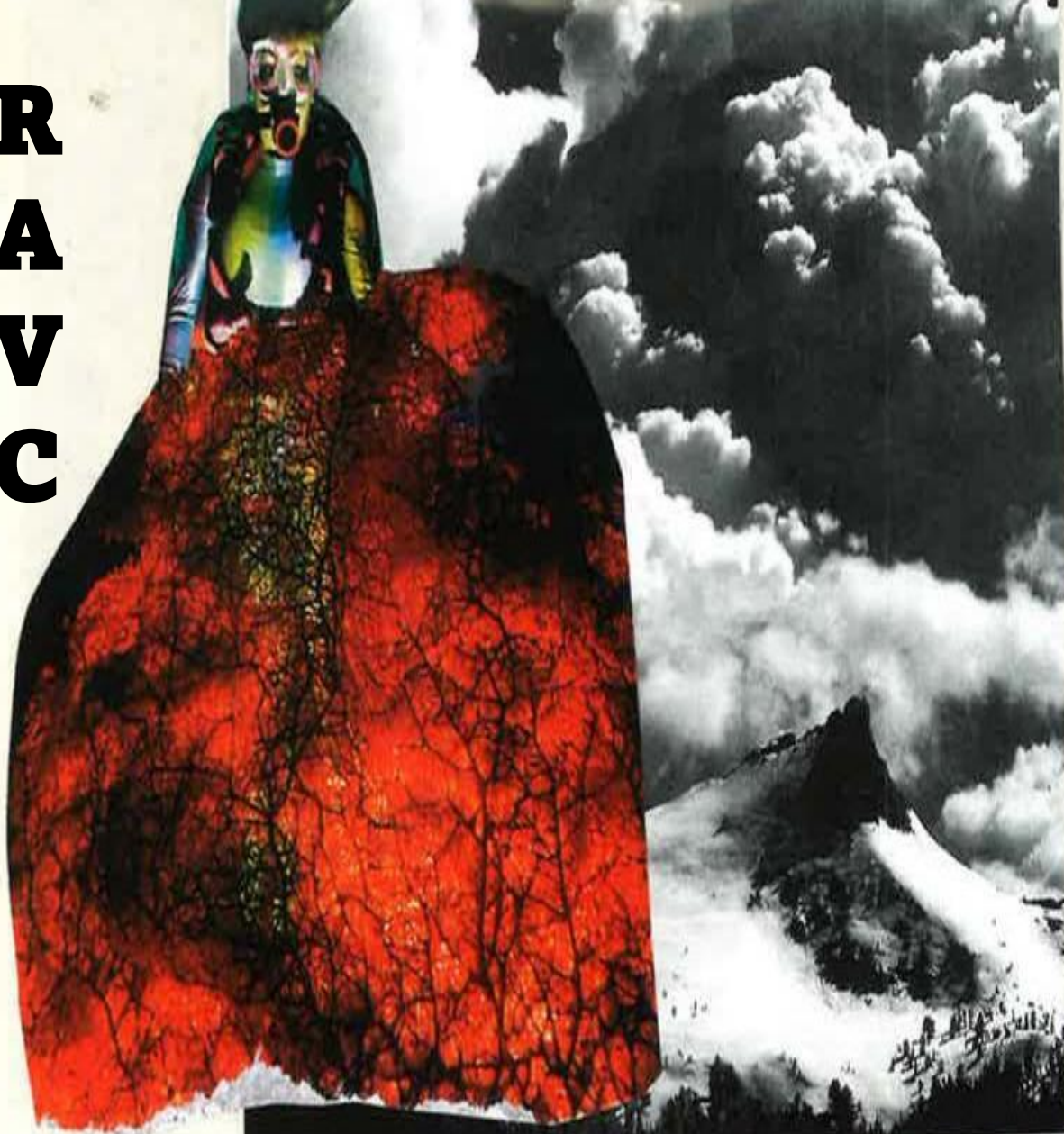
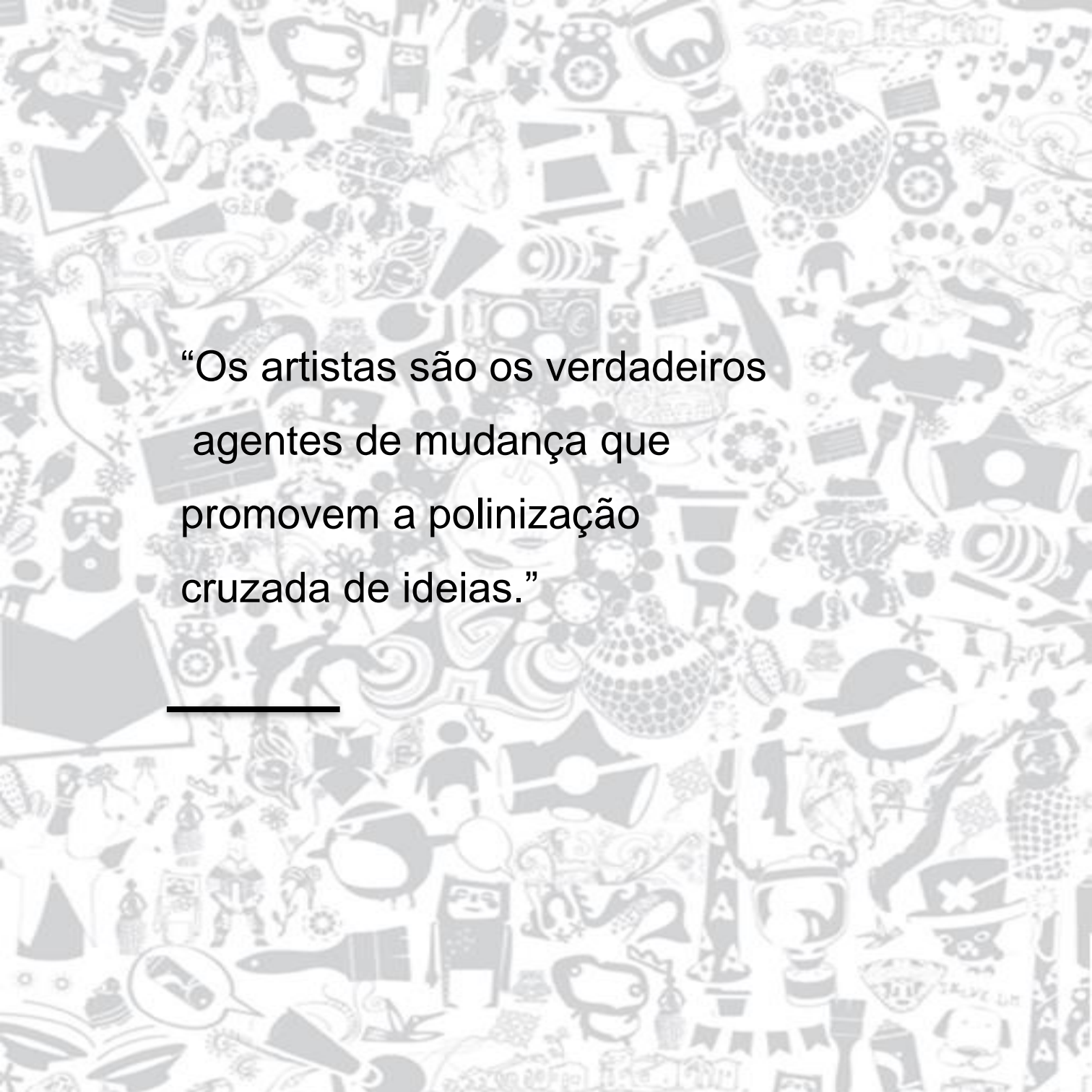


**R  
A  
V  
C**





“Os artistas são os verdadeiros  
agentes de mudança que  
promovem a polinização  
cruzada de ideias.”

---


RESIDÊNCIA  
ARTÍSTICA  
**VIRTUAL**  
COMPARTILHADA

---

**BBA-i**

**IAWM** International Association  
of Women's Museums





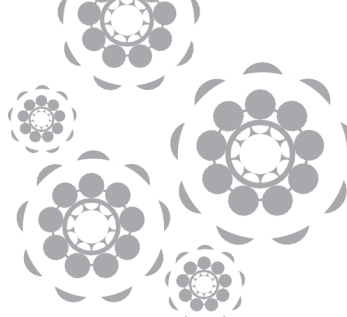
*A arte é um caminho que leva para regiões que o espaço e o tempo não regem.”*

Marcel Duchamp


Com uma abordagem puramente analítica do espaço geográfico, esta escrita-reflexiva aborda a noção de prática artística na visão de nossa relação com o espaço. Se por um lado, o espaço definido como físico, é um movimento físico do corpo que se encontra em um novo ambiente, por outro, há também um movimento de práticas artísticas voltadas para relações mais intuitivas e empáticas já que nossa relação com o espaço é tão emocional e intelectual do que física. Portanto, perguntamos como recriar, sentir e propor que o artista seja capaz de gerar uma narrativa de processo artístico que facilite a reancoragem para um novo espaço de criação colaborativa que não seja físico. Se por um lado sustentamos que sempre pensamos em outro lugar e que esse lugar move-se como um exercício de ligação para o outro em estado de descoberta e conhecimento, uma oportunidade de

agir, falar e co-criar, passa de um estado passivo à mobilização pelo exercício do processo artístico em meio digital. Com isso, a organização de uma residência artística online exige uma reflexão sobre a mudança na relação humana com o espaço no atual cenário global, além de considerações adicionais em relação às especificidades culturais de cada participante.

O filósofo francês Michel Foucault abordou a relação entre o ser humano, a sociedade moderna e o espaço, sugerindo a ideia de uma época de simultaneidade, justaposição e dispersão, na qual passado e futuro, aqui e em outros lugares, visíveis e invisíveis, coexistem. Essa intervenção ocorreu há quase meio século, no final dos anos 60, mas hoje soa como uma profecia que descreve de maneira precisa o estado do nosso mundo globalizado e tecnologicamente viciado. Nossa experiência atual do mundo se assemelha mais a uma rede que conecta pontos e se entrelaça em seu próprio emaranhado, em vez de uma narrativa linear que se desenrola ao




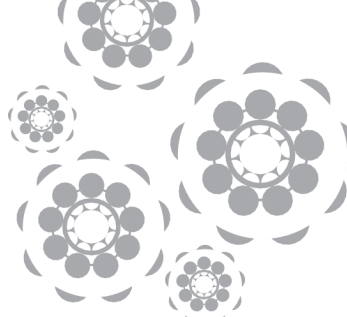
longo do tempo. Hoje, é interessante lembrar que, desde o final do século XX, a ideia de tangibilidade do lugar tem sido repetidamente questionada por um recorrente reexame da relação entre o espaço físico e o virtual.



Além disso, um novo tipo de geografia baseada em informações digitais e dados imateriais vem crescendo quase que na velocidade da luz. Estas e muitas outras tecnologias hoje muito em voga influenciaram profundamente a forma como as pessoas abordam os territórios e também interagem entre si e com o seu ambiente, e é a partir desse ritmo, que os processos artísticos em residências também mudaram e são capazes de fazer entregas tão boas quanto às do ambiente físico. Não podemos escapar responsabilmente dessa condição de modernidade, mas podemos e precisamos encontrar algumas maneiras de enfrentar esse fato de forma construtiva. Um dos maiores desafios da época atual é encontrar maneiras de abraçar a modernidade e o progresso, ao mesmo tempo em que realinhamos nossas prioridades em prol do ser humano e

sua reconexão com a natureza. Isso requer uma mudança urgente na ideia cartesiana que prevaleceu por séculos na mentalidade ocidental, na qual nos vemos como separados da natureza e posicionados de forma superior no universo. A decolonialidade emerge como uma crítica essencial, buscando oportunidades para reexaminar conceitos, perspectivas e fazer uma crítica direta ao capitalismo e à modernidade. Historicamente, os seres humanos foram considerados distintos de todas as outras criaturas do planeta devido à sua capacidade racional e ao fato de que, como mencionado na Bíblia, fomos criados por último e à imagem de Deus.

Enquanto os artistas em residência questionam sobre a forma como poderíamos inventar novos caminhos, novos percursos para descobrir novos territórios, histórias e suas ancestralidades, para estabelecer uma nova conexão, os mentores direcionavam sua atenção para exercitar as práticas alavancadas por encruzilhadas, linhas imaginárias, mapas mentais e associações livres em



busca da poética de uma construção coletiva. Nos tempos atuais, o mundo inteiro parece estar numa encruzilhada e a redefinição das múltiplas identidades (nacionais, territoriais, religiosas, étnicas) é um tema quente em todos os lugares. No entanto, as três edições da Residência Artística Virtual Compartilhada da Black Brazil Art, exploraram temas atuais e buscaram inscrever outras imagens por trás do poder visual contemporâneo. A este princípio de caminho, carregamos a viagem como num filme, onde os artistas combinam uma arte de dobrar o espaço. Nos apresentaram processos e práticas atravessadas por passagens secretas, transportadas pela imaginação, sendo guiados pelas conexões inesperadas que o pensamento coletivo nos proporciona. Passamos sem perceber da *zona de conforto* para as águas turbulentas não para enfrentar problemas, mas deslizar ao longo de uma linha traçada pelo fluxo da fala para se concentrar na escuta ‘do’ sensível.



## RESIDENTES

Aldenor Prateiro (RN)

Andressa Cristina da Silva Souza (MG)

Ana Isabel Vieira Fernandes (PT)

Benjamin de Oliveira Abras (FR)

Ejuku Mark (UG-SP)

Elson Junior (BA)

Fiamma Viola (DF)

Graziele Ramos (SP)

Heart Laís (SP)

Iago Góes da Silva Ramos (DF)

Isabel Miranda (MG)

Jacy de Almeida Bastos (ES)

Joice Miguel Cardoso (RS)

Josefa Rouse da Silva (SP)

Jùjù Nsaa (BA-SP)

Júlia Pereira Steffen Muniz (SC)

Márcia Cristina Ramos Umbelino (RJ)

Maíra Freitas (SP)

Marina Feldhues (SP)

Manoel Messias Souza (SP)

Mari Gemma De La Cruz (MT)

Maria Esmênia Ribeiro Gonçalves (SC)

Mirtes de Menezes Almeida (SE)

Naymare (RJ)

Paulo Cesar Afrokalíptico (SP)

Renata Dorea (MG)

Roberta Matos (AC)

Rafael Muniz (RS)

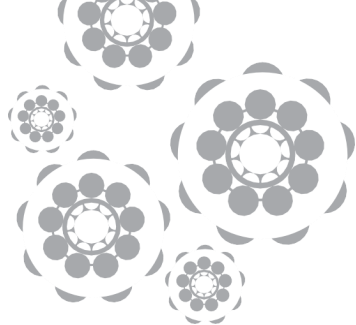
Roberta Rox (BA)

Rose Mara da Silva (SP)

Sheila Leoneli (NO)

Tatiana Rosa (ES)





## SUMÁRIO

<b>12</b>	INTRODUÇÃO Patrícia Brito	<b>FIOS: DESAFIOS E AFETOS</b> Flavia Fabiana	<b>82</b>
<b>20</b>	A PESQUISA Patrícia Brito	<b>I(N)CORPORAÇÕES: MEMÓRIAS DESLOCADAS</b> Luanda	<b>96</b>
<b>30</b>	EM BUSCA DE LINHAS INSURGENTES Andréa Hiromi Luciana Conceição	<b>OUVINDO AS IMAGENS: O ÁLBUM DE FAMÍLIA COMO LUGAR DA MEMÓRIA E DA ANCESTRALIDADE NA ARTE CONTEMPORÂNEA</b> Elidayana Alexandrino	<b>104</b>
<b>40</b>	INTUIÇÃO COMO FERRAMENTA DE AUTOCONHECIMENTO Claudia Prechedes	<b>PRÁTICAS E IDEIAS SOBRE PERFORMANCE ARTE NA PERSPECTIVA DA CIDADE E DOS FLUXOS DA CIDADE E DOS FLUXOS DAS ÁGUAS</b> Maíra Val Valente	<b>118</b>
<b>50</b>	PALAVRA (PER)FORMADA: ESCRITA CRIATIVA QUE ATRAVESSA O CORPO Thais Alessandra		
<b>62</b>	HABITAR-SE: POETICAS ENTRE CORPOS E ESPAÇOS Dani Vilas Bôas		
<b>72</b>	Isabela Viana		
	CONVERSAS E REDES DE TRANSMISSÃO: O FLUXO DE PODER PREVALECE SOBRE O PODER DOS FLUXOS Priscila Costa Oliveira		





# introdução

Patrícia Brito

A Residência Artística Virtual Compartilhada é um programa do Instituto Black Brazil Art que nasceu em 2020 por ocasião da pandemia do COVID-19. O objetivo era contribuir com conversas, processos e práticas, para um pensamento crítico, em espaço de criação colaborativa em plataforma digital.

“Artistas exploram e criam sob a perspectiva de um olhar macro e transnacional.”

Com uma abordagem interdisciplinar, o programa desafia os limites tradicionais das práticas artísticas e incentiva o desenvolvimento de novas perspectivas e habilidades. Uma definição prática de “processo coletivo” é a prática artística ou criativa que aproxima e melhora as interconexões - integra colaboração entre artista, curador, público e, trocas de conhecimento e perspectivas através da ESCUTA, do ATRAVESSAMENTO e do

DESDOBRAMENTO ou INTUIÇÃO.

A curadoria do programa se concentra em transcender as fronteiras convencionais das disciplinas artísticas e aprimorar as práticas autônomas dos artistas envolvidos. Isso inclui a análise contemporânea de mídias tradicionais, bem como a exploração de um repertório diversificado e atualizado. Além disso, o programa de RAVC oferece um sistema de mentoria, no qual artistas experientes e profissionais da área acompanham e orientam os residentes durante o processo criativo.

Ao proporcionar um ambiente virtual compartilhado, a residência permite que os artistas colaborem e compartilhem ideias, independentemente de sua localização geográfica. Isso resulta em uma rica troca de experiências e conhecimentos, fortalecendo o grupo, que acaba por sair de sua “zona de conforto”.

O caráter importante que essa Residência Artística Virtual Compartilhada carrega, para além de fomentar a criação e desenvolvimento de projetos artísticos colaborativos, é estimular que esses artistas residentes produzam trabalhos críticos para o principal projeto do Instituto Black Brazil Art, a **Bienal Black**.

Este laboratório virtual de processos e práticas artísticas desenvolvidos de forma coletiva e colaborativa tem no seu formato, o compartilhamento de pesquisas e formas de saberes e fazeres com instituições independentes e mentores convidados.

A importância dos espaços virtuais de aprendizado e trocas artísticas é inegável, especialmente para artistas que buscam aprimorar, refletir e expandir seus trabalhos em outros projetos. Residências Artísticas são fundamentais no cenário contemporâneo, pois proporcionam intercâmbio cultural e fomentam a diversidade artística, conectando o local com o mundo da arte global. Essas conexões facilitaram o entendimento mútuo e a cooperação, bem como o compartilhamento de habilidades e conhecimentos. Um ponto a se considerar neste modelo de residência online são as parcerias criadas a fim de aproximar\atravessar



*RAVC-1, Obra em processo de Isabela Vida Moreno, 2021 (i)*

fluxos de conversas e experiências entre Brasil e outros países. Em todas as edições da Residência Artística Virtual Compartilhada - RAVC tivemos parcerias que desafiaram o status quo e ampliaram a percepção de pensamento crítico do artista residente.

Em 2021, para a primeira edição da residência **(RAVC-1)**, a parceria se deu entre a Black Brazil Art e o Colectivo de Estudios Afrolatinoamericano da Universidad de la Republica del Uruguay (um coletivo de estudos raciais dentro da universidade em Montevideo no Uruguai). Para a segunda edição da residência **(RAVC-2)**, em 2022, a parceria se deu entre a Black Brazil Art e a Njabala Foundation (uma fundação da cidade de Kampala em Uganda). Já a terceira edição da residência **(RAVC-3)**, em 2023, a parceria se estendeu ao Museo de las Mujeres de Costa Rica (museu voltado para a preservação e disseminação de produção e prática artística de mulheres latina-americana). Isso posto, mostra que a Black Brazil Art busca cada vez mais o estreitamento e o fomento das atividades do Brasil transversalizando com o resto do mundo.

Este relatório na forma de Anais da Residência, apresenta um resumo das atividades, processos e práticas realizados nas três edições da residência artística online, destacando os principais temas abordados, as atividades realizadas e os resultados alcançados pelos participantes. O objetivo é fornecer uma visão geral do programa e suas contribuições para o desenvolvimento e a



*RAVC-1, Obra em processo de Mahyrah, 2021  
(iii)*

promoção de práticas artística e culturais inovadoras e inclusivas. Através de conversas ativadoras e de gatilhos, os participantes são encorajados a propor ideias e desenvolver projetos artísticos a serem realizados em um Bienal de arte. Cada edição da residência é norteada por um tema específico, visando explorar diferentes aspectos dos processos.

# proposta de pesquisa

Patrícia Brito

Antes de adentrar no processo configurado nessa primeira edição, é preciso explicar que a residência artística on-line da Black Brazil Art é guiada pelo conceito da “reflexibilidade”, ou seja, ao trabalhar com o tripé: ESCUTA + ATRAVESSAMENTO + DESDOBRAMENTO (INTUIÇÃO), sem os quais, seria como separar “espaço-tempo”, uma espécie de “tempo-espíralar” conforme Leda Maria Martins (2021) nos traz, subvertendo cronologias lineares, onde passado, presente e futuro estão intrinsicamente conectados, utiliza-se do conceito de reflexibilidade no campo das artes para extrair dos artistas que examinem, questionem e explorem criticamente os próprios processos criativos, contextos socioculturais e tradições artísticas.

Essa reflexão permite que os artistas compreendam melhor o significado e o impacto de suas práticas e produções artísticas, tanto individualmente como coletivamente. A reflexibilidade na arte envolve uma abordagem introspectiva, na qual os artistas avaliam suas motivações, intenções e influências, bem como analisam a relação entre sua arte e o público. Por meio desse processo reflexivo, os artistas podem adotar uma postura crítica sobre suas práticas, reconhecendo e questionando os limites e convenções estabelecidas nas diferentes formas de arte.

Essa capacidade de reflexão também permite que os artistas examinem as relações de poder, representação e exclusão presentes no mundo das artes e na sociedade como um todo.

Vejamos como cada pilar do tripé se desdobra na residência:

A **escuta** é um componente essencial da reflexibilidade no contexto de uma residência artística. Refere-se à capacidade dos artistas de ouvir e considerar diferentes perspectivas, sejam elas de outros artistas, mentores, críticos ou do público em geral. A escuta ativa promove um ambiente colaborativo e inclusivo, no qual os artistas podem aprender uns com os outros e expandir seus horizontes culturais e artísticos.

O **atravessamento** representa a disposição dos artistas em se envolver com diversas ideias, contextos e práticas artísticas, explorando novas abordagens e técnicas que possam enriquecer seus trabalhos. Esse processo de imersão em diferentes tradições, estilos e perspectivas artísticas permite aos artistas desafiarem e questionarem suas próprias práticas, ampliando sua compreensão do campo das artes e das possibilidades criativas.

O **desdobramento (intuição)** é o resultado natural da escuta e do atravessamento. Trata-se da transformação e evolução das práticas e obras dos artistas, enriquecidas pela reflexibilidade e pelas experiências vivenciadas na residência artística. Ao longo do processo, os artistas podem encontrar novas maneiras de expressar suas ideias,



*RAVC-1, Obra em processo de Lucas Soares, 2021 (iv)*

estabelecer conexões inesperadas e desenvolver projetos colaborativos, contribuindo para um crescimento artístico significativo.

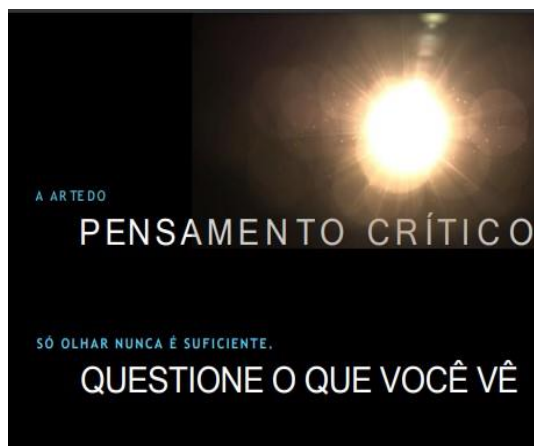
## **Diálogos Além-fronteiras: Práticas, Representações e Visibilidades #RAVC-1**

A proposta do programa de Residência Artística Virtual Compartilhada – RAVC, teve como tema da primeira edição, “Diálogos Além-fronteiras – Práticas, Representações e Visibilidades”. Essa parceria colaborativa se deu na forma de mentorias propostas com temas específicos, em plataforma digital para aferir pensamento crítico que gerasse espaços de diálogo entre artistas, pesquisadores, críticos, audiências e instituições. Foram 18 mentores nacionais e internacionais mentorando 24 residentes que permaneceram por 3 meses (junho, julho, agosto, 2021) criando e co-criando processos através do tema proposto para a 2BIENALBLACK.

O processo on-line envolveu uma série de etapas, iniciando com a seleção dos participantes e a apresentação do tema central. Os participantes foram escolhidos com base em suas áreas de atuação, experiências e interesses, garantindo uma ampla variedade de perspectivas e abordagens. A escolha dos mentores também proporciona o sucesso de uma residência artística, propiciando trocas pelos vieses de suas próprias práticas de pesquisa.



*RAVC-1, Obra em processo de Rebecca Sforzani ,  
2021 (ii)*



Diversos foram os caminhos tencionados nos encontros com os residentes; caminhos esses que visitaram e revisitaram autores conhecidos e desconhecidos, que questionaram e desafiaram a crítica colonialista, que se depararam com o corpo memória, corpo passado que coexiste e estabelece o presente, o corpo que comunica, que gesta, que é território. O corpo que cura desigualdades, que acumula camadas de pele, que reflete sobre a não-neutralidade como imagem de controle. Cada mentor contribuiu para o processo da residência abordando e conduzindo temas dentro da propositura da bienal black tendo autonomia para provocar\tencionar\distencionar e dissecar.



## **Fluxos (in)Fluxo: Transitoriedade, Migração e Memória #RAVC-2**

A segunda edição da residência artística sob o tema, “Fluxos (in) Fluxo – Transitoriedade, Migração e Memória”, teve parceria colaborativa entre a Black Brazil Art e a Njabala Foundation. O programa permitiu que os artistas explorassem e criassem sob a perspectiva de um olhar macro, transnacional, além de suas comunidades, dedicando tempo à experimentação sobre a transitoriedade do(s) fluxo(s). Efeitos como migração, desigualdade sistêmica de gênero, narrativas transculturais, identidades em fluxo motivaram artistas selecionados de várias disciplinas, a participar do programa baseado em tarefas e

discussões voltadas ao "pensamento crítico" em tópicos que expandem e atravessam experiência artísticas. Foram 20 mentores nacionais e internacionais mentorando 32 residentes que permaneceram por 7 meses (de setembro de 2022 a março de 2023) delineando processos através do tema proposto para a 3BIENALBLACK.

Vale destacar que uma profusão de acontecimentos tivera destaques político-sociais ao longo dessa residência. Uma ruptura política com a extrema direita que alimentou o discurso fascista, nazista, extremista e de ódio e a perda sistêmica da identidade cultural em diversos países, teve reflexos mais profundos no Brasil onde a distorção, a desinformação, a incoerência, a censura e o “cancelamento”, alimentaram o pensamento em detrimento do poder da imagem. Artistas se valeram do seu lugar de fala e de falha, para reajustarem e reafirmarem um discurso mais uníssono em prol da liberdade de expressão, ao direito a democracia cultural e a concomitância da igualdade de gênero(s). Perguntas como “O que está no centro de nosso questionamento?” ou “Como entendemos as emoções presentes quando nos envolvemos com nossas narrativas?” foram lançadas e



respostas foram traduzidas nos eixos que saíram dessa segunda residência artística. Linhas Insurgentes, Redes de Transmissão, Práticas Geradoras, (RE)imaginando o Cubo Preto, Memórias (trans)locadas.

Vejamos o que cada um dos eixos nos diz.

**Linhas Insurgentes** - Neste eixo provocado pelas mentoras Luciana Conceição e Andréa Hiromi, a bienal pretende explorar a arte como uma forma de insurgência e resistência, destacando obras que desafiam as convenções estabelecidas e que questionam as normas sociais e políticas. Os trabalhos apresentados neste eixo celebrarão a capacidade da arte de romper barreiras e estabelecer novos caminhos de expressão e liberdade.

**Redes de Transmissão** - Este eixo mentorado por Priscila Costa Oliveira se concentrou nas conexões e interações entre artistas, comunidades e culturas..

Através da análise de redes de transmissão de conhecimentos, técnicas e tradições artísticas, esse eixo dentro da bienal buscará compreender como esses fluxos influenciam e moldam a produção cultural e a memória coletiva.

**Práticas Geradoras** - Este eixo que teve a mentoria de Martha Kazungu, destacou através das práticas artísticas relacionadas às mulheres de Uganda, que possibilidades e perspectivas são geradas no convívio só de mulheres, promovendo a inovação e a experimentação nessas trocas. Através de instalações, performances e outros meios, os artistas envolvidos neste eixo vão explorar o potencial transformador da arte e sua capacidade de gerar mudanças e reflexões.

**(RE)imaginando o Cubo Preto** - Neste eixo, a proposta vem de Patrícia Brito, e propõe uma revisão crítica e criativa do espaço expositivo tradicional, conhecido como "cubo branco". Ao reimaginar o cubo preto, este eixo questiona os modos convencionais de apresentação e apreciação da arte, propondo novas abordagens e espaços de encontro e diálogo.

**Memórias (trans)locadas** - O último eixo é a reformulação da mentoria praticada por Luanda, que abordou as práticas de terreiro pelo viés da construção performática e fílmica. Esta reformulação, aperfeiçoará questões de memória, migração e deslocamento, enfocando as experiências de indivíduos e comunidades que enfrentam a transitoriedade e a diáspora.

As obras apresentadas neste eixo irão explorar as complexidades das memórias deslocadas, ressaltando a importância do passado na construção de identidades e narrativas culturais.

Ao explorar o tema "Fluxos (in) Fluxo, Transitoriedade, Migração e Memória", é possível perceber como as identidades e experiências humanas são moldadas e transformadas pelas forças históricas e contemporâneas. O colonialismo, em particular, é uma força significativa que continua a afetar as vidas e identidades das pessoas, impondo mudanças nas estruturas sociais e culturais das populações. Neste contexto, a migração e a memória são aspectos intrinsecamente ligados à construção e reconstrução da identidade ao longo do tempo.



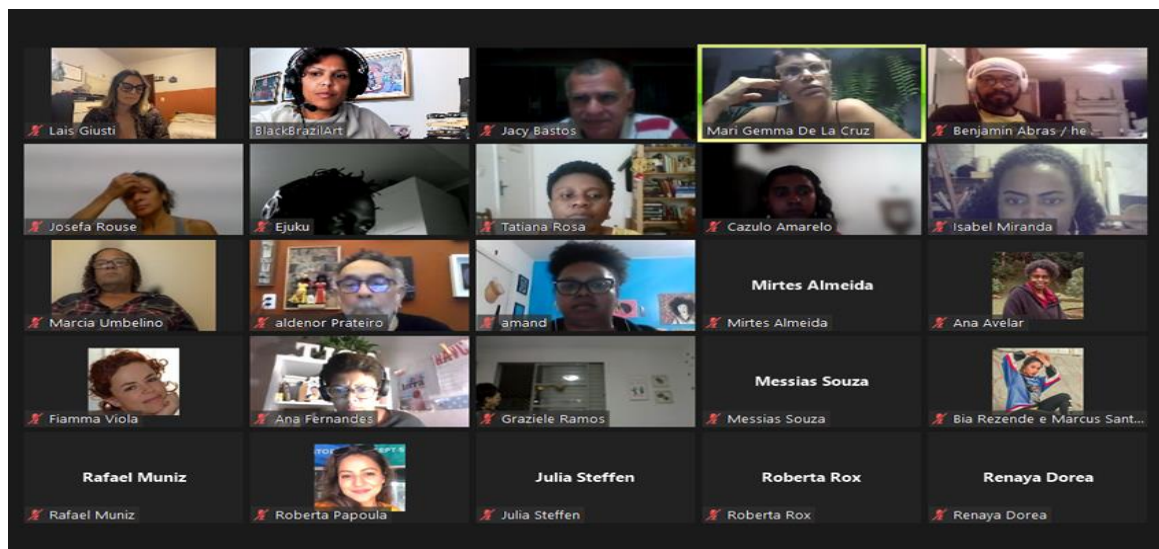
*Print dos artistas-residentes em redes sociais (instagram) (v)*

## **Pensamento Crítico Decolonial nas Práticas Artísticas**

### **#RAVC-3**

A terceira edição da residência artística (2023) sob o tema, “Pensamento Crítico Decolonial nas Práticas Artísticas”, não ocorreu em formato de residência, mas teve desdobramento em práticas realizadas com oficinas de formação para professores. A ideia central era abordar a prática decolonial a partir do ensino e da produção dos saberes. A descolonização é um processo que pode começar em diversos pontos, uma vez que a influência do colonialismo permeia muitos aspectos de nossas vidas. Elementos como capitalismo, racismo, heteropatriarcado, supremacia branca e abordagens eurocêntricas na produção de conhecimento reforçam dinâmicas coloniais de poder e estruturas que afetam a distribuição de poder entre os indivíduos (Quijano, 2000). A própria base de nossas histórias registradas é colonizada. Os materiais didáticos apresentam uma versão seletiva dos eventos e seus motivos, muitas vezes a partir da ótica dos detentores de poder ao longo da história, como colonizadores e pesquisadores. Uma das dimensões da descolonização envolve a revisão dessas narrativas parciais.

A importância de abordar temas que descolonizam o pensamento crítico na arte, especialmente na perspectiva da educação, reside na necessidade de questionar e desafiar as hierarquias e estruturas de poder que têm moldado o discurso artístico e a produção cultural ao longo da história. Ao incluir narrativas e práticas marginalizadas e sub-representadas, a educação pode se tornar um espaço de reflexão e transformação, incentivando os alunos a desenvolverem uma compreensão mais ampla e inclusiva das diferentes manifestações culturais e suas interconexões. Iniciativas como a residência artística da Black Brazil Art e a Bienal Black desempenham um papel fundamental nesse processo de descolonização do pensamento crítico na arte. Ambas as iniciativas buscam transversalizar os processos artísticos, conectando-se a diferentes olhares e perspectivas de práticas locais e independentes, promovendo um diálogo horizontal entre artistas, acadêmicos e comunidades. Ao proporcionar uma plataforma para a expressão e o engajamento de artistas negros e suas práticas culturais, a Black Brazil Art e a Bienal Black contribuem para o empoderamento dessas vozes e a promoção da diversidade e inclusão no campo da arte e da educação.



## Referencias:

Bishop, Claire. "Divisão Digital: Arte Contemporânea e Novas Mídias." *Artforum*, Vol. 51, No. 1, 2012.

Bourriaud, Nicolas. "Estética Relacional." *Les Presses du Réel*, 2002.

Certeau, M. de. *A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer*. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

Césaire, Aimér. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Ed. Livraria Sá da Costa Editora, 1978.

Foucault, Michel [1966]. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

Giddens, Antony. "Modernidade e Auto-Identidade: Eu e Sociedade na Era Moderna Tardia." *Polity Press*, 1991.

Martins, Leda Maria. *Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

Mignolo, Walter. (2007). "A descolonização do saber: a opção decolonial e o horizonte latinoamericano". In: *Currículo sem Fronteiras*, v.7, n.2, pp. 23-38

Quijano, Aníbal. "Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina." In *La colonialidad del saber: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas*, edited by Edgardo Lander. Buenos Aires: CLACSO, 2000.

Patrícia Brito é curadora independente, historiadora e museóloga; criadora da Bienal Black Brazil Art. Membro da Association of Art Museum Curators em NY. Colaboradora da Enciclopédia Itaú Cultural, citada no mapa dos curadores e curadoras negros e negras do Brasil pelo Rio Grande do Sul – pela equipe de Trabalhadores de Arte da América Latina. Indicada ao Prêmio Açorianos Artes Visuais 2021 – Exposição Coletiva 1 Bienal Black Brazil Art. Pesquisadora de gênero e raça nas artes pela International Association of Women's Museum a quem é membro associativo na categoria de gênero pela Black Brazil Art. É Membro da Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA).

# em busca de linhas insurgentes

Luciana Conceição  
Andrea Hiromi

*Muitas são as linhas que nos atravessam. Visíveis e invisíveis. As linhas imaginárias e geográficas que fragmentam o mundo. Linhas presentes na sagrada geometria universal. Linhas corporais. Fios que nos conectam ao outro. Linhas que nos sufocam. Linhas que estabelecem limites. Linhas e traços que nos definem. Que nos identificam. Linhas que nos estereotipam. Fluxos e contrafluxos. Viver: uma grande tecitura. Seguimos em busca de linhas insurgentes, revolucionárias e transgressoras. O projeto O Toque vem integrar esse percurso enquanto uma forma de provocar desalinhamentos para criar um novo tecido. O tecido epitelial está presente na pele, considerada o maior órgão do corpo humano. Quais novas linhas são possíveis para uma nova tecitura da vida, da arte, de nós? Seguimos. Em busca de Linhas Insurgentes.*

Foi a partir desta chamada que convidamos os residentes da 2ª edição da Residência Artística Visual Compartilhada, da Black Brazil Art, a embarcarem numa jornada de criação, invenção e reflexão. Os 3 encontros foram ancorados pelo método Atravessamentos, de autoria da mentora Luciana Conceição, o qual se propõe como uma forma de mediar o fazer do outro, por meio do seu processo de criação, em busca de uma aprendizagem estética. E, para criar esses espaços dialógicos, onde a educação estética se faz presente, são utilizados alguns dispositivos que funcionam como disparadores e/ou caminhos para realização de uma travessia.

Dentro desse método tem-se as seguintes referências presentes como

forma de sistematizar e apoiar a construção do pensamento e do fazer criativo dos artistas: o porto (ou cais); o barco; o mar; a bússola; as constelações; e o farol. É importante saber que essa é uma ferramenta que funciona em espiral, não sendo necessário ter todas as referências contempladas, nem mesmo uma ordem correta de utilização dessas referências. Apesar de parecerem ter uma lógica linear, quando utilizadas, percebe-se que é possível ir além de uma sistematização cartesiana, valorizando e ampliando a capacidade de atuação da ferramenta.

“Agir criativamente significa desenvolver o potencial do ser humano, sua capacidade de solucionar problemas, compreender o mundo e intervir a partir de novas leituras para a realidade vivida/percebida”.

(VIEIRA, C; MAIA, M. A estética como via de nutrir o saber)

Assim, o porto ou cais, representa o início do percurso, de onde se está saindo. Nesse momento são consideradas todas as experiências prévias dos participantes. Como primeira prática foi feita uma meditação guiada a partir de um objeto afetivo que conectasse os participantes com o tema proposto para a mentoria. Cada um foi convidado a buscar um fio refletindo sobre a provocação norteadora: Quem sou eu na tecitura da vida? Com



*RAVC-2, Obra em processo de Marcia Umbelino, 2022-2023 (vi)*

essa vivência, desejávamos que os artistas percebessem onde essas linhas insurgentes habitavam neles, e como seria colocá-las para fora de si, à disposição do mundo. Foram trazidas diversas referências de artistas para que os residentes pudessem apreciar seus trabalhos e começar a criar conexões potentes.

Continuamos o segundo encontro definindo como faríamos nossa travessia. Assim, utilizamos a referência do barco, o qual refere-se aos participantes

envolvidos na travessia. Ficou definido que os trabalhos seriam individuais, apesar de estarmos fazendo uma navegação coletiva. Assim, as trocas e partilhas seriam bem-vindas para nos afetarmos. E para continuarmos o processo, fizemos uma nova meditação guiada para seguirmos com nossa embarcação, ao som de Luedji Luna. Essa meditação permitiu a cada artista o início dessa busca além-mar por suas linhas insurgentes. Afinal, em meio a tantas possibilidades, o que escolheriam revelar ao mundo?

O mar representou todo o processo, todo o percurso vivenciado tanto nos encontros quanto fora deles. Um tempo que se deu em espiral, com muitas reviravoltas, dúvidas, incertezas, angústias, tal como é a vida cotidiana. Para isso, utilizar a bússola, o telescópio, ou qualquer outro instrumento que permitisse ampliar o olhar, a percepção, a escuta, a intuição, o sentir com todo o corpo, seria importante para manter o norte e buscar direções para o fazer criativo. Para além das referências subjetivas e singulares a cada residente, peculiar às suas vivências e experiências, havia ainda as constelações, as quais se tratam a tudo aquilo que a humanidade criou, construiu, sistematizou, estudou, compartilhou, todos os saberes



*RAVC-2, Obra em processo de Josefa Rouse, 2022-2023 (vii)*

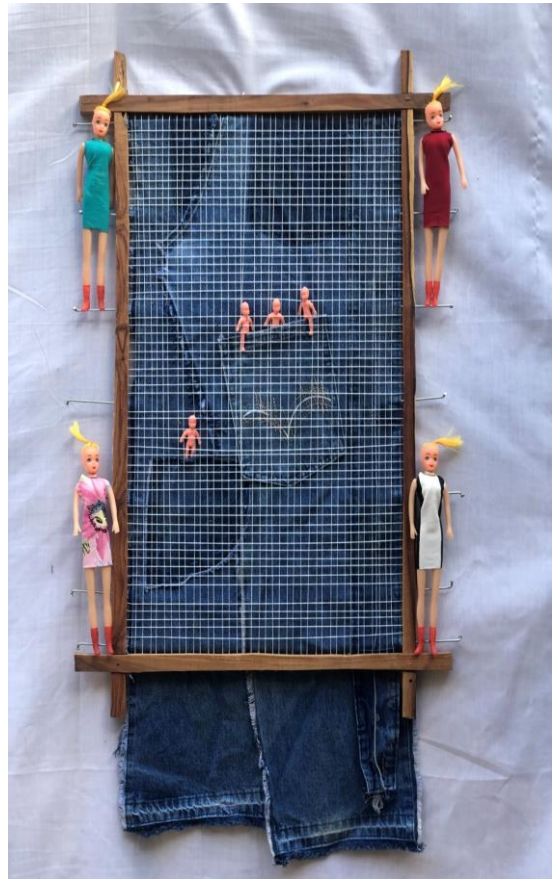
ancestrais deixados no mundo. As constelações são referências para os navegadores, são elas que auxiliam a saber se estamos seguindo de fato a direção que buscamos.

Chegamos ao último encontro onde os artistas puderam compartilhar suas criações com todos os demais residentes. Foi um momento importante de escuta e sugestões, que possibilitaram ampliar possibilidades, fazer alguns refinamentos, ajustes e até mesmo mudar direções. Esse momento final representava uma nova "chegada"

ao farol. O farol é aquele que sempre ajuda a iluminar, que guia, que não representa um final, mas sempre uma nova possibilidade. No caso dessa mentoria, representou a materialidade construída para a residência sobre as Linhas Insurgentes que pulsavam em cada residente.

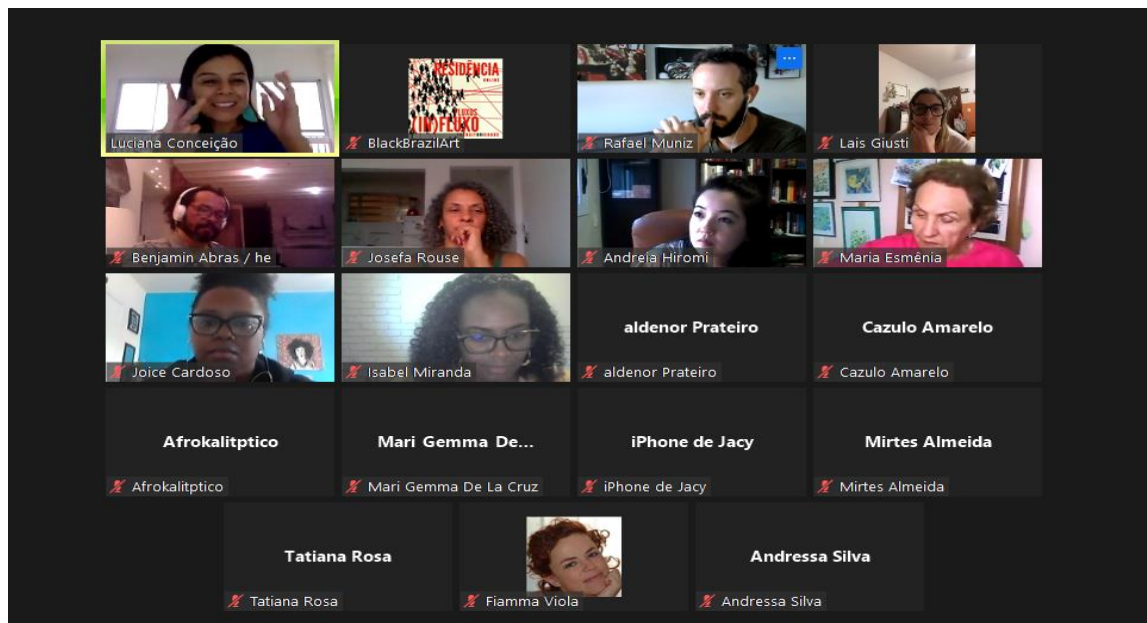
Assim, os encontros foram mediados por alguns conceitos como a semiótica, o desenvolvimento do psiquismo, a construção social do fazer criativo, a arquitetura do gesto, a vivência enquanto um processo de construção do sujeito e de sua identidade. Esses conceitos tanto auxiliaram na organização das propostas para os encontros, quanto para mobilizar nos artistas referências para que eles conseguissem realizar suas criações a partir do tema proposto. Alguns momentos de partilha dos residentes foram gravados para fins estritamente profissionais, e neles é possível ouvir sobre os afetamentos de cada um ao longo dos encontros. Cada proposta foi mobilizando conexões com memórias, histórias, vivências e experiências singulares de cada residente, o que trouxe para suas criações toda essa catarse de sentimentos e sensações.

[https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5478572/mod\\_resource/content/1/A%20ESTÉTICA%20COMO%20VIA%20DE%20NUTRIR%20O%20SABER.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5478572/mod_resource/content/1/A%20ESTÉTICA%20COMO%20VIA%20DE%20NUTRIR%20O%20SABER.pdf)



*RVC-2, Obra em processo de Jacy Bastos, 2022-2023  
(viii)*





## Referências

DEWEY, John. Arte como experiência. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DIDI-HUBERMAN, G. O que vemos, o que nos olha. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível. 2000.

233 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP. Disponível em:

<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/253464>

LARROSA BONDÍA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Revista Brasileira de Educação. Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

MAGIOLINO, L. (2011). As emoções humanas nas experiências vividas: transformação e significação nas relações (est)éticas. In A. L. Smolka & A. L. Nogueira (orgs). Emoção, memória, imaginação: a constituição do desenvolvimento humano na história e na cultura. (pp. 35-56). São Paulo: Mercado das Letras.

VIERA, Camila; MAIA, Maria Vitória. A estética como via de nutrir o saber. Disponível em:

**Andrea Hiromi** é artista multidisciplinar, cria como gesto de reza aos antepassados, usa a estética do abandono para entender os fragmentos e cicatrizes de palavras não ditas e gestos não vividos por imposições e proibições sobre os corpos de seus ancestrais (povo indígena de Okinawa).

**Luciana Conceição** é pedagoga, professora, gestora cultural, arte-educadora e pesquisadora. Atualmente realizou mestrado em Educação, Psicologia e Linguagem, pesquisando com maior aprofundamento sobre a atividade criadora, a arte, a imaginação e a cidade. Ministrou a oficina Brincalhoadá, no Laboratório Experimental de Arte e Educação da Faculdade de Educação da USP, em uma busca coletiva por brechas brincantes para transver o mundo.

# intuição como ferramenta de autoconhecimento

Claudia Prechedes

01 aula dia 05 de novembro de 2022  
02 aula dia 04 de dezembro de 2022  
03 aula dia 04 de fevereiro de 2023

Todas as aulas foram realizadas via ZOOM onde iniciamos 10 minutos antes. Link fornecido pela instituição.

As pesquisas realizadas intuitivamente sobre a história da fotografia demonstram que a categoria é hegemonicamente branca. Estudos na área apontam que a falta de representatividade privilegia a população branca em detrimento da negra. A intenção é voltar o olhar para as referências de artistas, fotógrafos e representações negras na arte. Ao analisar desde o início e participar de diversas aulas, demonstro que esse artistas negros não são representados, com presença íntima, com acervos e bibliografias. Quando aparecem, são pessoas em contextos de mazelas

sociais, o que reforça o estereótipo e exclusão.

As aulas realizadas de fotografia abordam o tema: INTUIÇÃO COMO FERRAMENTA DE AUTOCONHECIMENTO. Este trabalho tem como objetivo principal expor o apagamento histórico na fotografia dificultando a criação da identidade negra artística. Para isso foram utilizados os quatro elementos da criatividade como uma ferramenta muito importante para o entendimento da história da arte negra brasileira.

Pesquisar sobre artistas contemporâneos negros foi a maneira que encontrei de dar visibilidade e registrar, opondo o apagamento histórico no Brasil. Esta pesquisa foi realizada a partir de inquietudes pessoais, ao não receber referência negra durante minha



*Processo artístico de Isabel Miranda, 2022-2023 (ix)*

formação, a partir daí, começo uma investigação sobre autores e artista negros da contemporaneidade.

Para essa aula utilizei referências de livros como: Feminismo é para todo o mundo, Bell Hooks, Na Senzala uma Flor, Robert W. Slenes, Piel negra mascarar brancas, Frantz Fanon. Junto de várias pesquisas online de Nina Rodrigues, PDFs, José Ezelino entre outros citados no relatório.

1° dia - Escuta.

Após uma breve apresentação da minha história, dei início de maneira cronológica à aula sobre introdução à fotografia com base na linha do tempo. Falei sobre a descoberta da fotografia até o começo de 1900. Apontei e debatemos sobre a falta de registros de autores negros, apresentei o primeiro, Jose Ezelino (conhecido até hoje).

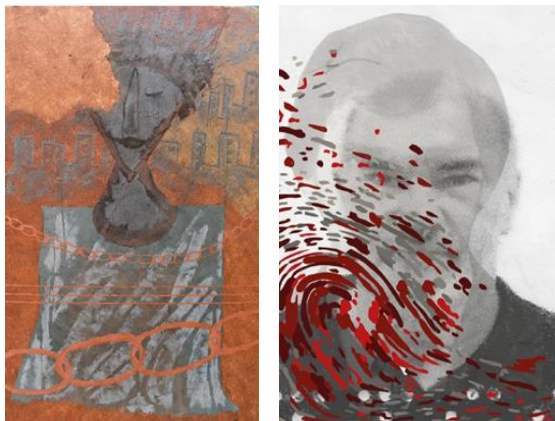
A aula foi muito produtiva, a partir do tema que propus para a RAVC que é Intuição como ferramenta de autoconhecimento, propus a criação de um fanzine Frankenstein onde cada artista pudesse colaborar com o seu trabalho refletido pelo trabalho do companheiro.

Participaram 17 artistas. No final da aula sugerimos diversos modos expositivos e ficou em aberto para ser decidido com o coletivo. Através desse exercício ativou em cada um, uma forma de entrelaçar trabalhos criando através do sentidos. Para ativar a intuição é muito importante estar aberto ao que chega e cria a partir dessa ação.

2° dia - Atravessamento.

Todos chegamos curioso para saber

como funcionava o fanzine Frankenstein. Como o grupo era diverso dentro das



*Processo artístico de Jacy Bastos e Júlia Steffen, 2022-2023 (x, xi)*

artes visuais, os residentes criaram uma lista de e-mail do seu grupo de whatsApp, trocaram informações e dúvidas. Tudo funcionou de maneira organizada. Retomei a aula a partir do apagamento histórico e vimos vídeos e muitas referências. Como forma de alimentar visualmente os participantes, trouxe diversas referências brasileiras dos fotógrafos Eustaquio Neves, Lita Cerqueira, Bauer Sa.

3º dia - Desdobramento / Intuição.  
Nossa aula eu finalizei falando da intuição como os 4 elementos da criatividade, intuição, atenção, produção e imaginação.

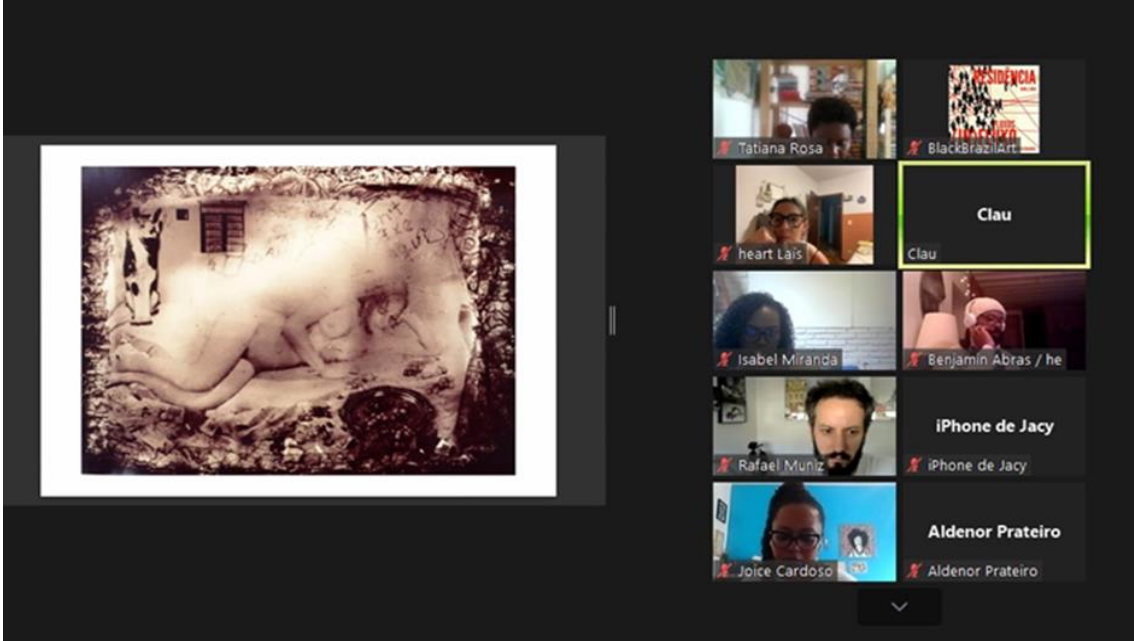
Realizamos 3 exercícios, onde criamos

uma sinergia muito interessante e produtiva. Falei sobre a importância da autodefinição.

Finalizando a classe vimos o resultado do Fanzine e como eles conseguiram desenvolver um objeto de arte trabalhando de maneira fluida e participativa. Todos conseguiram realizar dentro do tempo estipulado. Vale ressaltar que todos os residentes enviaram suas fotos da página do livro solicitada via WhatsApp.



*RAVC-2, Obra em processo, autoria desconhecida, 2022-2023 (xii)*



**Claudia Prechedes** nasceu em São Paulo, formou-se em design gráfico pela Escola Panamericana de Arte (SP), após 15 anos, pela busca e inquietudes participou de cursos e treinamentos e se mudou para a fotografia onde trabalha há 9 anos. Estudou história da arte e fotografia no MIS (SP), participou de cursos, treinamentos, workshops com artistas latino-americanos de destaque como Flávia Bertinato, Nelson Garrido, Ana Harff, Clara Araújo, entre outros. Atualmente, aperfeiçoou-se em processo criativo em Sub Photography (Ar). Clau apresenta seu trabalho a nível latino-americano no Brasil e na Argentina, atualmente vive e trabalha em Buenos Aires.

# palavra (per)formada: escrita criativa que atravessa o corpo

Thais Alessandra

No dia 21 de janeiro de 2023, a convite da segunda edição da residência artística virtual compartilhada (RAVC-2) – FLUXOS (in) FLUXO: TRANSITORIEDADE, MIGRAÇÃO E MEMÓRIA promovida pela Black Brazil Art, assumi a mentoria concedida aos artistas residentes, embasada na temática sugerida por mim, Palavra (Per)formada: Escrita Criativa que Atravessa o Corpo, que perpassa pela minha trajetória enquanto (per)former e pesquisadora acadêmica pela Universidade Federal de Ouro Preto/ Minas Gerais (UFOP).

Na ocasião, a mentoria virtual ocorreu em um “espaço cronológico” de duas horas e foi desmembrada por mim em teoria e prática; cujo a teoria referenciada atravessou a minha pesquisa dissertativa enquanto criadora da grafia diferenciada Palavra (Per)formada e toda a sua

derivação terminológica, além da minha trajetória pessoal até a descoberta desse termo e também o percurso diaspórico

entre os teóricos Didi-Huberman (1998), Henri Bergson (1973) e (2009), Johanson (2005) e Ama Mazzama (2009), que corroboram com a compreensão da intuição utilizada por mim como um dispositivo de criação das minhas (per)formances. Dando ênfase a essa discussão:

O termo no Dicionário online Houaiss assinala [Per] como sinônimo de: por. Sendo assim, “palavra (per)formada” é o mesmo que [por] forma às palavras; e, assim, toda a sua derivação terminológica: (per)formance, (per)formar e (per)former advém de uma ação de tornar a palavra movimento, em torna-la ativa em suas múltiplas possibilidades. Após a definição do termo, durante o andamento da pesquisa, observamos que não só o sentido dicionarístico define a palavra (per)formada; mas que o ato de dar forma à palavra aponta também para agenciamentos e dispositivo de criação que envolvem a intuição, a memória, o corpo, bem



Banner apresentação (xv)

como a atuação do(a) performer no espaço político e do artivismo. É importante reconhecer o gesto e a corpoeticidade da voz no processo de performar a palavra, uma vez que não estamos apenas trabalhando com o registro da palavra escrita, entrando no jogo igualmente a fala e suas possibilidades enunciativas (Martins da Cruz, T. A. ., & Beigui, A. (2022))

Ainda sobre a etapa teórica, percorri por algumas obras autorais (per)formadas, dentre elas a poesia Fragmentos de um Surto (2012), (per)formada na foto(per)formance Ensaio sobre a Loucura (2018) que trazia uma camisa de força idealizado por mim e confeccionado por

Regina Perocine, com a escrita do professor Hermógenes: “Deus me Live Ser Normal”, precursor do yoga no Brasil. A partir daí, ampliei a discussão para a crítica a normose social (doença de ser normal), “questionando o padrão normótico de ser.

Padrão esse que, a meu ver, não pertence ao universo do artista e, muito menos, do ‘louco’, considerados fora da norma, pois acredito que tanto o artista quanto o ‘louco’ foge às normas sociais impostas e as rompem”, CRUZ (2020). Ressalto que, essa discussão deixou os residentes muito “afetados”, a ponto de influenciar alguns na conclusão da dinâmica IMAGO-FACE, conforme elucidado na figura 1.

#### FRAGMENTOS DE UM SURTO

LOUCO... INSANO...

UM RESPIRO...UMA CALMA...

AGITAÇÃO, PERTUBAÇÃO, UMA PAUSA, UM SILÊNCIO... UM MEDO...

AHHHHHHHHHHHH... UM RESPIRO

PROFUNDO...

ALUCINAÇÃO, UM SOPRO, UM CARINHO, UMA CALMA...

DE REPENTE UM GRITO, UM PENSAMENTO AFLITO... do silêncio a agitação, som de PASSOS...

Quarto escuro...

PASSOS...

Dói, me isolo, deprecio, sumi... sumi... sumi...

sumi...

Acordo!  
Respiro... Bom dia!  
Apareço, volto, me alegro, volto... volto... volto...  
Calma! Respiro.  
Penso! Me aflijo.  
Medo! Me agito.  
Paz! Me acalmo.  
Penso! Desequilíbrio.  
Nada está em ordem.  
Tudo está em ordem.  
Ando... ando... passos... ouço passos... Nada está em ordem... vazio! Olho pra frente, pra trás, tudo passa com os passos, com o pensamento. Nada tem ordem, nada permanece. Tudo vai e volta! Tudo está em ordem.  
Penso! Me aflijo.  
Medo! Me agito.  
Paz! Me acalmo.  
Penso! Desequilíbrio.  
Nada está em ordem.  
Tudo está em ordem.  
Volto... Volto... Volto

Ratifico que, a dinâmica aplicada por mim foi a IMAGO-FACE, de autoria do Prof. Dr. Alex Beigui, que aconteceu no final da mentoria e após a explanação teórica, sendo aplicada em aproximadamente trinta minutos e visou corroborar com o aprofundamento da intuição como um dispositivo de criação. Além disso, os residentes puderam dar forma as palavras que eles escolheram para denominar as histórias por eles contadas. A proposta dessa dinâmica foi o recorte das bordas de uma folha de papel ofício em branco e, a partir desse recorte, as

bordas ganharam novas formas. Os formatos dos papéis recortados foram visualizados por todos os participantes junto ao relato dos residentes sobre “o por que estavam sendo visualizados daquela forma”, de acordo com a própria história de vida compartilhada. Abaixo, segue o registro de Belbel Miranda, artista residente que participou dessa dinâmica:



RAVC-2, Figura 1: registro de Belbel Miranda sobre a dinâmica IMAGO-FACE, 2023 (xiv)



Considerações finais sobre a temática desenvolvida:

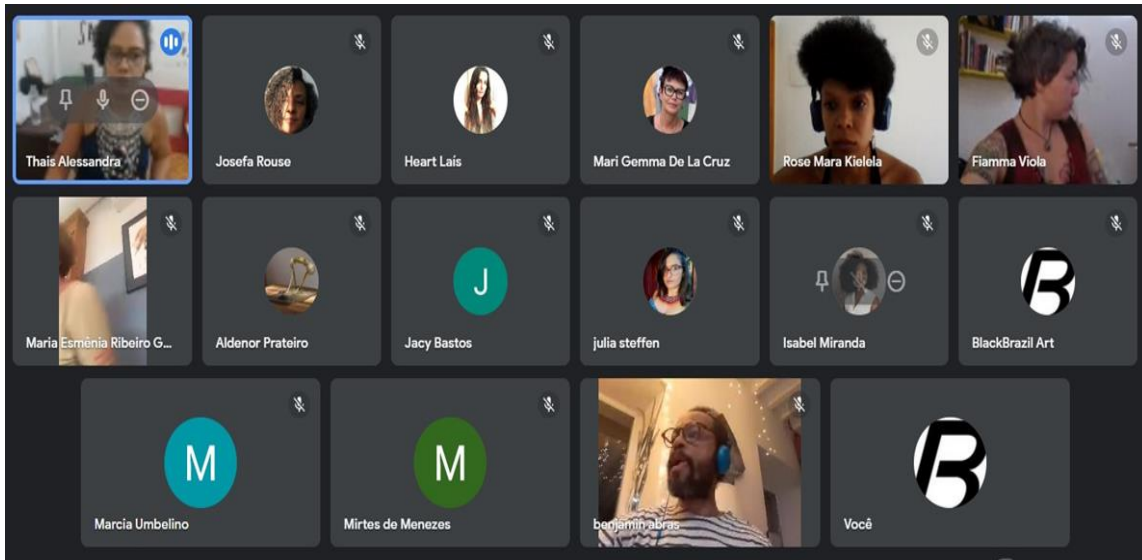
A minha vivência enquanto mentora da residência artística virtual compartilhada (RAVC-2) - FLUXOS (in)FLUXO: TRANSITORIEDADE, MIGRAÇÃO E MEMÓRIA promovida pela Black Brazil Art contribuiu para mim enquanto artista e pesquisadora no aprofundamento da intuição como um dispositivo de criação das minhas obras, sendo observado in loco por mim a semelhança da liberdade de expressão na dinâmica ofertada, IMAGO-FACE, entre os artistas residentes e também dos usuários do sistema CAPS II (Centro de Apoio Psicossocial de Saúde Mental) de Ouro Preto MG, local em que foi realizado o meu estágio docência em 2019. Além disso, alguns residentes demonstraram que ficaram bastante afetados com a temática desenvolvida, e contribuíram com a observação relatada durante a mentoria virtual sobre o potencial de cura da vivência com a Palavra (Per)formada, devido à exposição de temáticas como a loucura, o racismo estrutural e as vivências pessoais apresentadas pelos residentes por meio da dinâmica IMAGO-FACE. Potencial esse, de cura por meio da (per)formance, que também pretendo explorar futuramente na minha tese de

doutorado.

Em suma, a presente residência foi uma troca de conhecimentos e corroborou no meu exercício de criação cênica como (per)former fora dos ambientes dos saraus que marcaram minha trajetória, além de ter me permitido aprofundar algumas técnicas como artista pesquisadora e agente transmissora da Palavra (Per)formada”.

#### Referências:

- Disponível em: <  
<https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/127898>>.  
Do sarau à palavra (per)formada: entre paradigmas, intuição e ativismo. Acesso em 26 de fevereiro de 2023
- .Disponível em: <  
<http://adoroessacoisadoohar.blogspot.com/search?q=fragmentos+de+um+surto>>. Acesso em 27 de fevereiro de 2023.
- 3 Disponível em:  
<https://www.youtube.com/watch?v=ezBMrgfbfOA&t=11s>.  
Acesso em 27 de fevereiro de 2023.
- Regina Perocini - Figurinista
- Disponível em:  
<https://ufmg.br/comunicacao/noticias/musical-encontro-das-aguas-entra-em-cartaz-noteatro-de-bolso-dos-sesiminas> . Acesso em: 20 ago. 2019
- Disponível em: <https://www.cvv.org.br/blog/normose/>.  
Acesso em: 25 out. 2020.
- Dissertação de Mestrado
- Disponível em: <  
<http://www.repositorio.ufop.br/handle/123456789/13065>>  
. Acessado em 27 de fevereiro de 2023.
- Disponível em: <  
<https://seer.ufrgs.br/index.php/cena/article/view/127898>>.  
Do sarau à palavra (per)formada: entre paradigmas, intuição e ativismo. Acesso em 26 de fevereiro de 2023.



**Thais Alessandra** (nome artístico) – Escritora e autora da obra *Aiyra* e *o Rio* pela Editora Revista África e Africanidades, Poeta, autora e pesquisadora da *Palavra (Per)formada*, Artivista, Documentarista, (Per)former e artista de múltiplas linguagens.

PORTFFÓLIO:

<https://linktr.ee/thais.alessandra>

Comunicóloga, Bacharel em Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Estácio de Sá de Belo Horizonte MG (2010). Concluiu o primeiro módulo da Escola de Cinema Livre de Belo Horizonte – MG (2016); Mestra em Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto MG, pesquisadora e criadora da *Palavra (Per)formada* (2020). Aperfeiçoamento em Formação Pedagógica em Letras Português e Espanhol - Licenciatura, Faculdade IBRA DE BRASÍLIA - FABRAS (2022).

Fundadora do Coletivo Cirandar (2010); (Per)former premiada pela 1ª Bienal Black Brazil Art com a (per)formance “Lugar de Fala?” (2019); Documentarista selecionada pelo evento nacional Cinema em Redes (2018) com o curta-documentário “Psiu... Isso Aqui Tem Graça!”; Poetisa selecionada pela Editora Trevo - edição de inverno da *Poesia Agora* (2020), com a obra *Fragmentos de um Surto* (2012); e atual mentora convidada pela BLACK BRAZIL ART na segunda residência artística virtual internacional compartilhada - FLUXOS (in)FLUXO: TRANSITORIEDADE (RAVC2) para ministrar um workshop da PALAVRA (PER)FORMADA.

**Participou de algumas coletâneas:** *Escrituras Negras II: As Marcas*; *Escrituras Negras III: As pretas também amam*; *Sinergia*; *Diversidade Poética*; *Elas e as Letras: Semente. Presente*; *Mulheres das Águas II* e *Poesia Agora*.

# habitar-se: uma poética entre corpos e espaços

Dani Vilas Bôas  
Isabela Viana

Foram três encontros de duas horas, totalizando 6 horas de mentoria sobre o tema “Habitar-se: uma poética sobre corpos e espaços”.

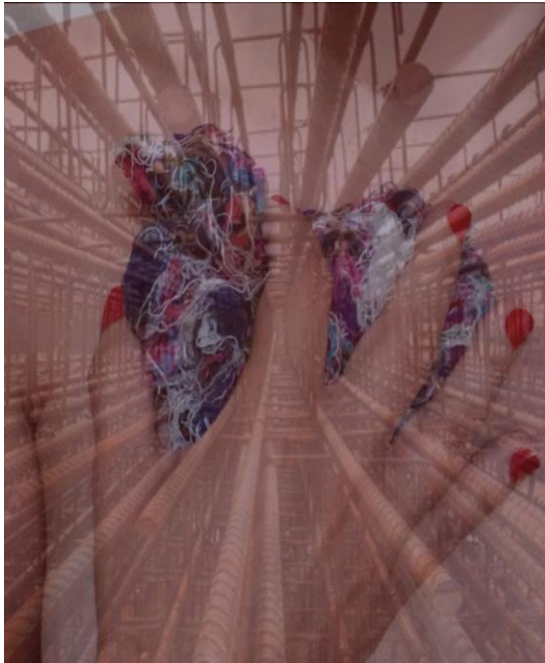
1º encontro: Foi realizada a acolhida de todos os presentes e estabelecidos alguns acordos para melhor aproveitamento do tempo. Nos apresentamos e explicamos o contexto do projeto “Habitar-se” como um experimento de múltiplas linguagens. Então, foram exibidas algumas fotografias para exemplificar o que estava sendo compartilhado.

Depois propusemos um exercício de observação e escrita.

Na primeira etapa, pedimos aos participantes para escreverem palavras soltas a partir do que a imagem lhes despertava. Neste momento, orientamos para que as palavras fossem escritas no momento mesmo que surgissem, sem questionamentos sobre sentido ou relação

com a imagem. Na segunda etapa foi proposto que os residentes escrevessem um texto poético, traçando relações entre o habitar enquanto lar (físico/morada) e o habitar interno (subjetivo) utilizando as palavras anotadas na primeira etapa. Após um determinado tempo eles compartilharam suas experiências e textos, e foi um momento bem interessante que cada um se expressou de forma diferente, seja com poesias, com palavras soltas ou com texto corrido. Neste momento de troca foi perceptível como todos tinham algo para somar e compartilhar, e como cada um enxerga suas moradas de maneira enriquecedora. Também ficou clara as diferentes percepções a partir da imagem.

Neste encontro, focamos no estabelecimento de vínculo com os participantes, na apresentação do



*Ilustração acervo Dani Vilas Bóas e Isabela Viana (xvii)*

Habitar-se como proposta de processo de criação, e uma introdução, a partir do exercício, de entrelaçamento de linguagens (imagem-escrita).

2º encontro: A partir de jogos teatrais, propusemos um exercício de expansão e retração para ativação do corpo. Também fizemos uma rápida explanação sobre o conceito de corporeidade. A partir de um dos poemas do Habitar-se, realizamos um exercício de construção de imagem, pedindo aos participantes para que

registrassem as sensações advindas do poema e, em seguida, pensassem em como materializá-las no corpo e espaço. A intenção foi provocar os participantes a registrarem conscientemente a sensação capturada do poema, numa tentativa de transpor o texto e, a partir desta experiência, construir uma imagem coerente utilizando também o espaço disponível como extensão do texto e do corpo.

Em seguida, houve conversa sobre a experiência e impressões de cada um. Pedimos aos participantes que realizassem um exercício para ser entregue no terceiro e último encontro, onde a partir do texto poético autoral que foi escrito no primeiro encontro, construísem uma imagem como extensão deste texto, e claro, pensando também na construção de seus corpos e/no espaço. Deixamos algumas perguntas indutoras para provocação. A intenção deveria ser a busca pela coerência entre texto, corpo e espaço. Uma vez encontrada esta coerência, eles fariam auto retratos.

3º encontro: Relembramos o percurso até então. Em seguida, fizemos um pequeno exercício de voz para entender a expressão do que se diz, a intenção e

entonação que a palavra pode trazer. Para finalizar o exercício, propusemos aos participantes que lessem dramaticamente (ou não) seus textos, enquanto era exibida a imagem produzida para este último encontro. Após cada leitura e exibição, fizemos nossas considerações para cada participante, observando, especialmente, se a coerência havia sido atingida ou não. Este foi um momento de fechamento, onde os participantes puderam perceber a união das ações que se propuseram entre a escrita, a imagem e o som.

Ao final do encontro foi reservado um momento para avaliação final, onde todos puderam dizer sobre a relevância da nossa proposta de mentoria e impactos em seus trabalhos artísticos. Houve acolhimento e escuta de todos os envolvidos.

Importante ressaltar que em nenhum momento houve imposição ou direcionamento rígido acerca das atividades propostas. Algumas pessoas, mesmo recebendo orientações claras, tomaram iniciativas diferentes da que propusemos.

Ainda assim, conseguimos absorver



*RAVC-2, Obra em processo de Isabel Miranda, 2022-2023 (xviii)*

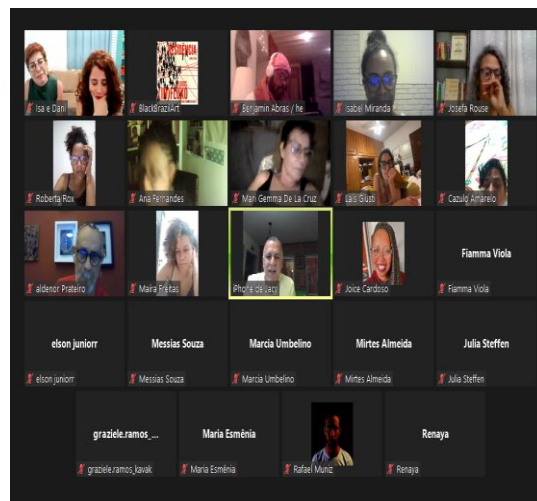
estas produções dentro da mentoria. Mas consideramos que a maioria dos artistas entenderam bem nosso objetivo, se comprometeram com o exercício e entregaram produções interessantes. Se permitiram experimentar, e era este nosso maior desejo.



*RAVC-2, Imagem acervo da mentora (acima); obra em processo de Josefa Rouse (abaixo), 2022-2023 (xix)*

### **Referências:**

Artes Integradas / Ândrea Sulzbach.  
Curitiba: InterSaberes, 2017.  
(Série teoria e prática das Artes Visuais)  
Teorias da Cena: Teatro e Visualidades / Ismael Scheffler.  
Curitiba: InterSaberes, 2019  
(Série teoria e prática das Artes Visuais)  
Fundamentos da Linguagem Visual / Adriana Vaz,  
Rossano Silva.  
Curitiba: InterSaberes, 2016  
(Série teoria e prática das Artes Visuais)



**Isabela Viana** está no universo da arte desde os 12 anos através da dança (de salão, brasileira e contemporânea), todavia se viu artista apenas em 2017 quando também começou a atuar. Formada em Serviço Social pela UFOP, une a arte e as questões sociais em seus trabalhos. Recentemente também começou a usar a escrita como fonte de inspiração no projeto em que é co-autora :Habitarse uma poética sobre corpos e espaços.

Das muitas facetas de **Dani Vilas Bôas**, a escrita foi sua porta de entrada para o mundo da arte. Mineira, atriz e poeta, é integrante da Cia. Nós de Teatro, graduanda em Artes Visuais e gestora de projetos culturais independentes e no atelier e galeria Arte Ziriguidum. Seus trabalhos são voltados para críticas sociais, abordando principalmente questões de gênero, racismo e estruturas de opressão.

# conversas e redes de transmissão: o poder dos fluxos prevalece sobre os fluxos de poder

Priscila Costa Oliveira

Atualmente há uma complexa rede de comunicação, pela qual as mais diversas informações fluem de maneira frenética: os noticiários da TV, rádio, podcasts, jornais, revistas, internet e muitos outros. Os meios de comunicação, além de transmissores de informação, moldam o pensamento e a sensibilidade das pessoas, afirmando assim, o surgimento de novos ambientes socioculturais. Nesse sentido, a arte permite tomar consciência dos modos de produção desses conteúdos e deslocá-los, tornando visível as consequências da tecnologia na nossa vida cotidiana. Das conversas presenciais à conversas com inteligência artificial, este eixo da residência realizou encontros, apresentações, exercícios e experimentações. Utilizando dispositivos midiáticos de comunicação e técnicas, tradicionais e atuais, para criar

possibilidades de contra-discursos hegemônicos.

Os artistas residentes desenvolveram uma série de trabalhos ao longo da residência que discutem e tensionam a preservação ou reinscrição da memória e história de seus ancestrais e/ou territórios e suas relações com os fluxos da natureza, neste sentido, o exercício condutor de nossos encontros foi a atividade de escavar, no sentido bem detalhado que Walter Benjamin se refere à escavação das lembranças como cacos, fragmentos ou ruínas. A cada fragmento desenterrado por cada artista que escavou a história de seu território, sua família, de movimentos sociais ou escavou a si mesmo, fomos alimentando um mosaico coletivo a se formar por cada um dos trabalhos ou por todos eles juntos.

necessário uma “força estimuladora”, um baú que se abre, um álbum de fotos, uma ligação, uma perda, uma ruptura... uma moção interna ou externa que nos sacode e faz deste momento o primeiro passo para criar novos fluxos da nossa história individual e coletiva. Ao longo desses encontros fomos construindo mosaicos de imaginação/ficção, criando novas narrativas e outras possibilidades de mundos pautadas no diálogo e colaboração.

No primeiro encontro, conversamos sobre uma série de artistas brasileiros contemporâneos que discutem arte e mídia a fim de criar uma ruptura ou tensionamento no modo como as ferramentas tecnológicas são usadas, trazendo assim, uma série de questões que passam por política, economia, gênero e território. Neste momento, foi solicitado aos residentes uma série de exercícios como a criação de instruções ou regras para capturar imagens ou sons para ser seguida durante um mês (coleta / lista / áudio / desenho / foto / palavras / vídeos / objetos / sentimentos / etc.); escolher uma obra audiovisual ou sonora ou foto para subvertê-la, usá-la, homenageá-la, usurpá-la, redimensionar conceitos, etc; listar vontades e desejos de trabalhos futuros; listar possíveis necessidades de materiais, software, procedimentos e conceitos necessários para realização do trabalho durante a



*RVC-2, Obra em processo de Jacy Bastos, 2022-2023  
(xx)*

residência e Esboços e Rascunhos: em áudio, vídeo, desenho, foto, diário, escritos, etc.

No segundo encontro, os artistas que realizaram as atividades, apresentaram seus trabalhos comentando sobre os conceitos e procedimentos experimentados e todos os presentes comentaram e deram retorno com críticas, sugestões e dicas para o trabalho do colega, as trocas foram generosas e contribuíram para o desenvolvimentos dos trabalhos que foram realizados em diversas técnicas: fotocoloragem, bordado, audiovisual, documentário, vídeo-performance, peça sonora, desenho e pintura.

No terceiro encontro, tivemos uma aula expositiva e dialógica sobre exposições



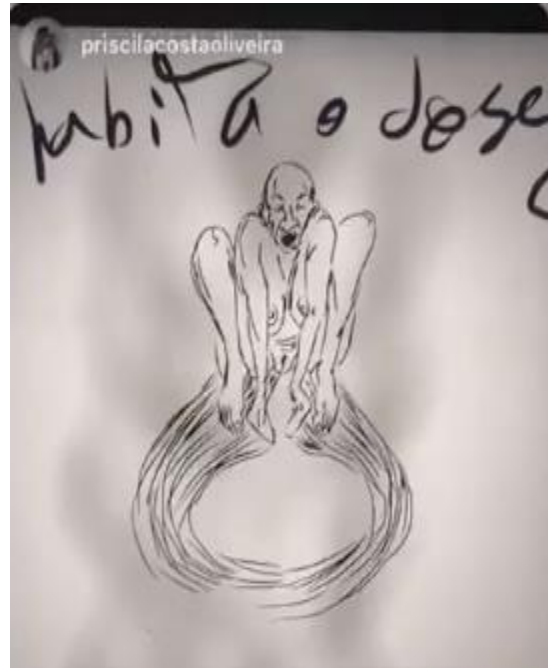
Escavar e desenterrar os cacos é um exercício praticado por todos nós para retirar do esquecimento determinadas nuances e detalhes e para isso é que estavam acontecendo naquele momento e que versavam com nosso eixo da residência. Houve um debate intenso e nutritivo sobre o que é considerado arte quando falamos de intervenções urbanas, escultura no campo expandido e atos de movimentos sociais compõem uma exposição de arte como o caso da obra *Revolução Periférica* de Coletivo *Revolução Periférica* que está na Exposição *Um século de Agora* no Itaú cultural e é composta por faixas e fotos do momento em que o coletivo coloca fogo na estátua de homenagem ao bandeirante Borba Gato.

Ainda teve um encontro extra onde dei um retorno mais individual para os artistas que finalizaram seus trabalhos até dia 08 de abril, auxiliando-os tecnicamente e conceitualmente na estrutura de entrega do trabalho final para o nosso eixo na residência.

## REFERÊNCIAS

| ARTISTAS |

- *FILOSOFIA DO LAR* de Gabi Bresola e Fábio Brüggemann
- Orelhinha de Sara Lana
- *Quartilhões e barricadas* de Amanda MElo da Mota



*Print das redes sociais (xxi)*

- ■ *Manto Tupinambá* de Glicéria Tupinambá
- *Revolução Periférica* de Coletivo *Revolução Periférica*
- Marie Carangi:  
Gritofonia: <https://vimeo.com/87472806>  
Teta Lirica: <https://vimeo.com/170219944>  
Site oficial: <http://tetalirica.com.br/>
- Fran Favero:  
Inundação: <https://vimeo.com/160748188>  
Site oficial: <http://franfavero.com/>
- Jonas Steves:  
Site oficial: <https://jonas.art.br/>
- Camila Mozzini:  
Podemos [nos] tocar:

<https://www.youtube.com/watch?v=BdyUf-3dOss>

Site oficial: <https://www.cmozzinialister.com/>

Pablo Paniagua:

Inserções Culinárias em Circuitos Ideológicos:

<https://www.youtube.com/watch?v=ietx-vGweWE>

Site oficial:

<https://pablopaniaguaart.wixsite.com/pablopaniagua>

Geraldo Anhaia Mello

A situação:

<https://www.youtube.com/watch?v=CmGdn88VbZw>

Vídeo Brasil:

<https://site.videobrasil.org.br/acervo/obras/obra/103067>

### | EXPOSIÇÃO |

Cineboteco:

<https://www.priscilacostaoliveira.com/cineboteco>

Um século de agora - Itaú Cultural

A parábola do progresso - Sesc Pompéia

Cala boca já Morreu - Ana Teixeira - MAM São Paulo

Minha língua - Leonora de Barros - Pinacoteca SP

Coleção Eus - Katia Maciel - Pinacoteca SP

Anestesia - Anistia - Amnesia - Regina Galindo - Acervo Moraes Barbosa

### | CATÁLOGOS |

Exposição Arte Veículo:

[https://issuu.com/arteveiculo/docs/arteveiculo\\_anamaria\\_maia](https://issuu.com/arteveiculo/docs/arteveiculo_anamaria_maia)

#Erromaquina:

[https://drive.google.com/file/d/1wol50mFvptt0w8j\\_JVSoBTH2f7ZRhtFM/view](https://drive.google.com/file/d/1wol50mFvptt0w8j_JVSoBTH2f7ZRhtFM/view)

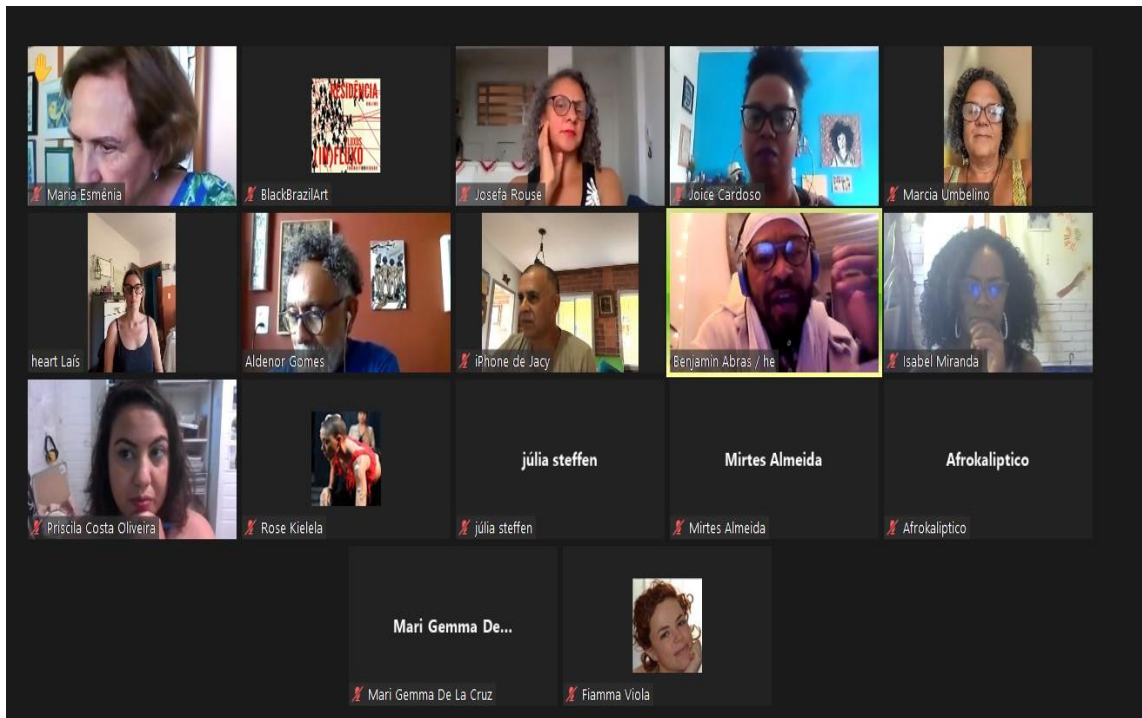
Vídeo-arte Contra-poder: <https://www.sp-arte.com/editorial/videoarte-contra-o-poder/>

### | LIVROS |

- Walter Zanini: vanguardas, desmaterialização, tecnologias na arte - Org: Eduardo de Jesus
  - Revista Select: Edição Arte e Política de 2022
- Terra arrasada: Além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista de Jonathan Crary
- Tecnodiversidade de Yuki Hui
  - Vozes Plurais de Adriana Cavarero



*RAVC-2, Obra em processo de Mari Gemma, 2022-2023 (xxii)*



**Priscila Costa Oliveira** - Artista e pesquisadora. Coordena o podcast VER.SAR e integra o Coletivo Ka. Atualmente Doutora em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa (UDESC), onde integra o grupo de Pesquisa Proposições Artísticas Contemporâneas e seus Processos Experimentais. Tem produção nas relações de voz e escuta junto a comunidades e o uso de mídias da oralidade. Pesquisa a conversa como prática artística.  
[www.podcastversar.com](http://www.podcastversar.com)  
[www.priscilacostaoliveira.com](http://www.priscilacostaoliveira.com)

# fios: desafios e afetos

Flavia Fabiana

Ao iniciar a mentoria da Residência Artística Compartilhada com o tema “Fios: Desafios e Afetos” comecei contextualizando a minha origem, o local onde nasci, Anápolis em Goiás, e apresentar algumas características desta região como: formas peculiares de falar, comidas típicas, folclore, expressões culturais, riquezas naturais e também os espaços artísticos (salões de arte, galerias, coletivos de artistas, feiras).

Ao fim desta apresentação, para reflexão dos cursistas, fiz as seguintes perguntas: A geografia, interfere ou influencia o seu trabalho artístico?

Quem é você geograficamente?

Quais são seus cheiros e sabores, paisagens e expressões?

Antes de começar o conteúdo conduzi uma atividade prática com os cursistas, intitulada “Por um Fio”. Solicitei que todos fechassem os olhos, com as palmas das mãos voltadas para cima como se fossem receber algo. E disse: “Imagine que você está recebendo um fio em suas mãos”.

1- Qual tipo de fio você recebeu?

2- O que você pode fazer com este fio?

3- De que forma poderá transformar este fio? Assim que todos abriram os olhos, expliquei que a intensão do exercício é cada um criar algo com o fio imaginado recebido. Ou seja, transformá-lo em uma produção artística na linguagem, mídia ou suporte que mais lhe interessasse. O que poderia ser um desenho, objeto, instalação, poesia, vídeo, etc. Atividade para ser entregue ao final da mentoria.

Apresentei ainda aos cursistas a divisão temática dos três encontros em que estaríamos juntos. As temáticas corresponderiam às três palavras do tema desta mentoria. Sendo assim, cada palavra se referindo a um encontro.

Começamos então com a palavra “fios”, observando o significado, desdobramentos e uso desta palavra. Como nos exemplos abaixo:

Entre fios de letras soltas e trapos de linhas livres  
remendo palavras  
envoltas no manto  
bordado da poeira de poesia...

Miriam Da Costa





John William Godward  
"Venus Binding Her Hair" - 1913



Adornadas com cabelos soltos  
Pilsa Kahlo  
1946



Gustave Courbet  
Joa Linda Garcia Hernandez  
Longue Chevelure Rouve Cachemire 1866



Mary Cassatt  
"Mother Combing Sara's Hair"  
1901

Ao indagar qual o verbo, ou os verbos que aparecem em suas produções? Solicitei aos cursistas que escrevessem em seus cadernos. Apresentei os verbos que com certa frequência surgem em minha pesquisa como: colecionar, inventariar, coletar, selecionar entre outros. Para a palavra temática do nosso encontro, “desafios” ou desfiar, já que mencionamos os verbos, trouxe alguns sinônimos da palavra para ampliar nossos repertórios, exemplificando: provocação, estímulo, inspiração, duelo. Para assim, cada um, pensar quais eram os maiores desafios vivenciados.

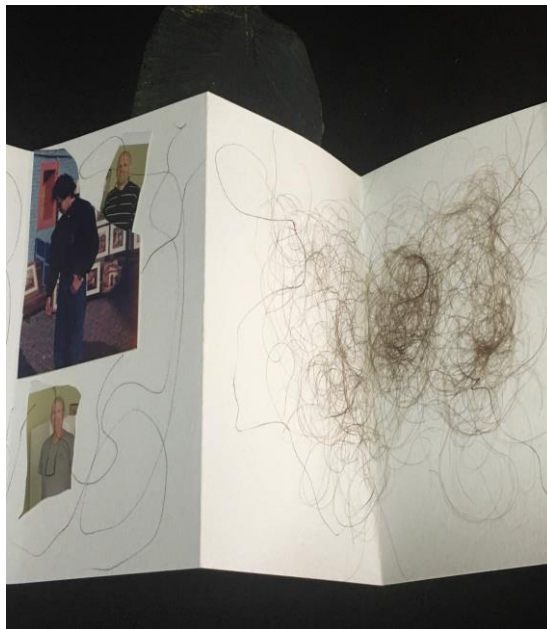
E, exemplificando alguns aspectos possíveis, pontuei os que estão além dos problemas pessoais, mas na própria produção artística, na narrativa, na materialidade, em possíveis residências artísticas feitas ou desejadas, na construção do portfólio, nas tentativas de entradas em editais ou as aflições a respeito do mercado de arte. Enfim, quais as suas lutas diárias com relação especialmente ao ser artista. Apontando alguns dos meus desafios enquanto artista trouxe alguns desdobramentos em minha produção que de certa forma sanaram muitos destes desafios encontrados. Ao trazer um pouco da história da artista Sonia Delaunay, que não tem uma ligação direta com o meu trabalho, mas sua multidisciplinaridade, serve de inspiração a qualquer artista. Trabalhou em diversos suportes, sendo precursora de colaborações experimentais contemporâneas em arte e “design”. Ou seja, as histórias, os desafios de uns podem também nos tocar e nos fazer perceber saídas para superar os nossos desafios.

Ao compartilhar um pouco mais sobre a minha pesquisa artística, sinalizei justamente os dobramentos que foram surgindo ao longo da narrativa, a inserção de novos suportes, novas mídias, novos verbos.



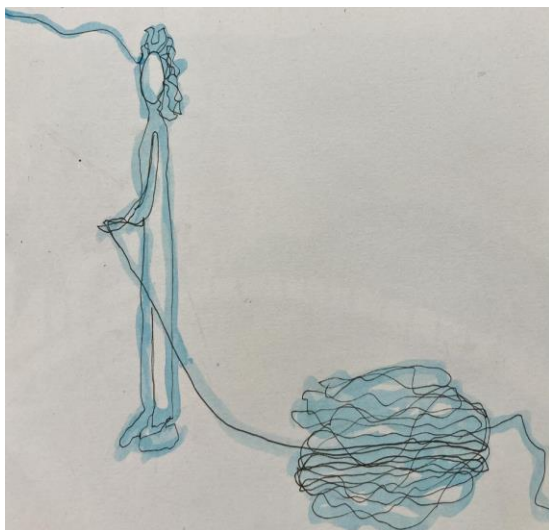
*RAVC-2, Obra em processo de Mari Gemma, 2022-2023 (xxiv)*

A partir disso, abri a palavra para que os cursistas pudessem verbalizar a respeito dos assuntos surgidos, como os verbos e os desafios. Os cursistas se mostraram muito participativos e trouxeram reflexões muito pertinentes e honestas. Para encerrar o encontro, trouxe algumas histórias sobre histórias de cabelo, das quais venho coletando. E sugeri como última atividade que será apresentada ao final da mentoria, que trouxessem uma história sobre cabelo. A história poderia ser pessoal, ter algum registro histórico



*RAVC-2, Obra em processo de Maria Esmênia, 2022-2023 (xxv)*

ou literário, conforme os exemplos apresentados. Como em todos os encontros, iniciei este último, com uma revisão do que já tínhamos visto até então. Das palavras “fios e desafios” e todas as questões levantadas. O que nos levou para a última palavra “afetos”. Ao trazer os seus sinônimos, refletimos sobre duas situações da palavra. O afeto e o afetar. O afeto destaquei: amizade, meiguice, moralidade, atenção, delicadeza, apreço, estima, afeição, cuidado e apego. Em seguida destaquei da palavra afetar: fazer, crescer,



RAVC-2, *Obra em processo de Laís Heart, 2022-2023*  
(xxvi)

aparentar, atingir, acometer, figurar, competir, tanger, tocar, pertencer e interessar. Para ilustrar, apresentei um recorte da minha pesquisa, contando como a fotografia surgiu no meu trabalho. De que forma fui afetada pelo meio em que eu estava para começar a fazer capturas de imagens. Que aconteceu primeiramente por meio da câmera capilar, depois a câmera do aparelho celular, só após um certo tempo que comecei a utilizar câmera fotográfica profissional.

Ainda sobre afetar, comentei sobre o quanto a própria mentoria, preparação de

conteúdo e estudos, me levaram a observar realmente todas as palavras e verbos que surgiram especialmente os com conexão a minha pesquisa. E, disso, surgiu uma nova série. Intitulada até o momento de “Ações de Afeto” onde o gesto vai de encontro a conjugação dos verbos ligados materialidade que pesquisa. Que tive a oportunidade de experimentar o pentear, prender, trançar, lavar, cafunear, em uma residência artística compartilhada presencialmente com 10 artistas. Registrei e compartilhei com os residentes desta mentoria, todo o processo.

Apresentei aos cursistas as questões que surgem no meu trabalho sobre o afeto e o afetar, como está no quadro abaixo, para que pudessem pensar em suas próprias produções.

### O que afeta a minha arte?

Meu estado de espírito

O mundo a minha volta

Como me relaciono com as pessoas e/ou as situações apresentadas no dia a dia

Experiências, estudos, trocas de saberes...

### Como eu afeto com a minha arte?

Direta

- \*Coletas:
- Doação de mecha de cabelo
  - Permissão para ser fotografado de costa
  - Doação da voz/nome
  - Permissão em ter os cabelos tocados

Indireta

Fruição: Positiva ou negativa



Ao agradecer por essa experiência fantástica com este grupo, deixei a palavra com os cursistas, ao compartilhar as produções com todos, dos que já haviam finalizado. No que aproveitaram para comentar sobre todas as provocações e reflexões colocadas durante esta jornada. Percebi em certos comentários, que alguns fios, foram recebidos no primeiro exercício proposto e conduzidos a outros desafios e a novos desafios. Quem se permitiu ser afetado, ao explanar sobre suas produções, mostrou muita sensibilidade e autoconhecimento. Excelentes trabalhos foram compartilhados. Contudo, neim todos se propuseram a vivenciar plenamente a experiência. Porém, a experiência do afeto, reverberou a todos.



### **Referencias:**

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço  
 FABIANA, Flávia. Catálogo de exposição: Entre retratos. Anápolis: Museu de Artes Plásticas de Anápolis/Fundo Municipal de Cultura, 2019.  
[https://issuu.com/flaviafabiana/docs/vers\\_o\\_issuu\\_-\\_cat\\_logo\\_entre\\_retratos\\_-\\_individua](https://issuu.com/flaviafabiana/docs/vers_o_issuu_-_cat_logo_entre_retratos_-_individua)  
<https://www.pensador.com/teia/2/>  
<https://pt.most-famous-paintings.com/MostFamousPaintings.nsf/A?Open&A=8CEFHN>  
<https://replicarte.com.br/products/retrato-de-jo-a-bela-garota-irlandesa-gustave-courbet-17662>  
<https://replicarte.com.br/products/mae-penteando-o-cabelo-de-saras-no-2-mary-cassatt-1503>  
<https://www.arteeblog.com/2016/08/john-william-godward-sua-arte-e-sua.html>  
<https://dasartes.com.br/materias/sonia-delaunay/>

**Flavia Fabiana** (49 anos) traz em sua narrativa poética a relações com o corpo, a autoimagem, a memória, o tempo e também seus afetos. Sua poética vem apresentando desdobramentos cujo o principal material é o cabelo humano, material nobre, é cheio de simbolismos. Esses assuntos permeiam sua pesquisa trazendo reflexão e possibilidades de experimentações de técnicas, suportes, diferentes mídias como: desenho, fotografia, vídeos entre outros, em meio a conceitos subjetivos ou diretos, desta materialidade. Natural de Anápolis - Goiás, a artista, graduada pela FAV/UFG, vive e trabalha em sua cidade natal e em Goiânia onde atua como arte educadora e artista visual.

# i(n)corporações: memórias deslocadas

Luanda

Eu ministrei o curso “Incorporações: memórias deslocadas” em dezembro de 2022, janeiro e fevereiro de 2023. O curso foi estruturado com o conceito "arte e terreiro" e "arte e incorporação". Fizemos uma aula introdutória sobre esse conceito que eu trabalho em arte contemporânea. Portanto apresentei meu próprio trabalho de artista e trabalhos de outros artistas. Trabalhamos nas aulas em termos que compõe o sagrado afro-diaspórico de Terreiro, para oferecer um repertório conceitual e visual para os artistas, e também para mostrar o que tem estado presente na produção artística contemporânea. Expliquei a eles que essa arte de terreiro está presente em um núcleo da arte afro-brasileira; formado por artistas racializados; que têm uma performatividade que desloca "elementos e situações" da Cultura de Terreiro para a prática artística, nesse núcleo da arte afro-brasileira temos, em

sua maioria, artistas que são praticantes de Terreiro. Por fim, o que temos nessas práticas artísticas é um perspectivismo de uma Comunidade de Terreiro, uma cosmologia de Terreiro apresentada na Arte Contemporânea.

Foi muito prazeroso compartilhar com os artistas residentes minha pesquisa artística e minhas aulas. Num primeiro momento, eles foram bastante atenciosos com o conceito apresentado. E poucos artistas se colocaram como pessoas de Terreiro. Já na segunda aula, no qual eles tinham que apresentar uma proposta de trabalho, eu tive uma surpresa muito boa. Todas elas, eles e elas, conseguiram fazer o exercício de se contaminar com a Cultura de Terreiro, tanto de Umbanda como de Candomblé, e apresentaram propostas maravilhosas de trabalho. Também teve proposta que se aproximou da cultura afro-brasileira,

trazendo os cânticos e performances de Capoeira. Ou seja, foi muito gratificante perceber a receptividade da proposta e a revelação de mais artistas do grupo, como artistas de Terreiro e /ou praticantes de outras culturas afro-brasileiras. Por isso, aceitei também trabalhos que se aproximavam do Terreiro, porque todas as culturas afro-brasileiras estão muito próximas, são circulares, tem roda, são de uma certa ancestralidade, tem cânticos de louvação, há muitas semelhanças mesmo.

Por fim, agradeço a todas, todes e todos pelo compartilhamento de pesquisas artísticas.

**Luanda** (nome artístico) é artista, criou a Plataforma Ateliê Terreiro, Doutora em Artes (UFRJ), rodante de Terreiro de Umbanda. Suas relações artísticas misturam-se às vivências ancestrais de terreiro e constroem uma prática artística entre arte e incorporação, ancestralidade, memórias/ histórias atlânticas e decolonialidade. Possui obras no MACRS e FVCB. Atualmente está em cartaz com a exposição individual "Cachimba" no MUHCAB Rio. Site: [luanda.art.br](http://luanda.art.br)



*RAVC-2, Obra em processo de Fiamma Viola (acima)  
e S\N (abaixo), 2022-2023 (xxvii, xxviii)*



# ouvindo as imagens: o álbum de família como lugar da memória e da ancestralidade na arte contemporânea

Elidayana Alexandrino

A minha escrita nasce das memórias, estudos e inquietações, escrevo este texto partindo do tema apresentado na Residência Artística Virtual Compartilhada, essas palavras são desdobramentos das minhas pesquisas e vivências, são extensões do meu corpo, que se configuram também em imagens. O início da minha fala no encontro com artistas participantes da residência foi uma pergunta, perguntei “Que imagem te integra?”, as respostas foram muito poéticas, ligadas a natureza, percebi que a imagem daquele grupo era uma paisagem viva.

A palavra integrar significa tornar-se inteiro, completo, inteirar-se, completar-se, complementar-se, preencher-se,

incorporar-se a um grupo, uma coletividade; sentir-se um membro dessa coletividade. Integração é comunhão e foi exatamente essa sensação que senti ao me conectar com as pessoas. Guardo essa lembrança como uma imagem do grande álbum da experiência do viver. E pensando nas imagens, vivemos num mundo cercado por imagens, sejam as internas ou externas, elas nos afetam e nos compõem.

No caso das fotografias dos álbuns de famílias contam histórias e muitas vezes até escondem, há uma magia nessas imagens, afinal, evocam memórias.

Nas palavras de Armando Silva “o álbum é feito para ser contado e, portanto,

falado. Trata-se de imagens para ouvir” (SILVA, 2008, p.135), sendo assim, essa escuta é sinestésica, sentimos com todo o corpo, porque essa narração pode ser uma forma de reviver a cena. Antigamente o álbum de família era uma maneira de juntar as pessoas para contar histórias, por exemplo o álbum de casamento era um motivo para reunir novamente a família para lembrar aquele dia, esse hábito foi se perdendo aos poucos.

Diferente de hoje que as imagens são digitais e circulam pela internet, nas redes sociais, a fotografia no passado era um objeto físico, bidimensional. Ter um álbum de família era muito especial, o tempo de produção da imagem era maior e o tempo de observação também, devido ao toque.

Hoje com o advento das câmeras digitais acopladas aos celulares, as imagens passaram a ser imateriais e essa realidade mudou a nossa forma de pensar, agir e nos relacionar, inclusive com as nossas memórias, porque os registros acabam se perdendo ao dar algum problema no celular.

Se as imagens do álbum de família foram feitas para ouvir, há nesse processo um relator e um narrador, dessa forma não é

só a visão que é utilizada, mas também a fala, ou seja, a oralidade, sendo assim passamos a ser porta vozes das imagens, mas para isso acontecer é preciso ouvi-las, e como isso é possível?

É um processo que exige a subjetividade, por isso a arte contemporânea nesse sentido é importante por ser capaz de criar outras formas de se relacionar com as fotografias de família, no caso dos artistas negros que buscam sua ancestralidade para afirmar sua identidade e resgatar memórias apagadas, tais imagens ou a falta delas trazem reflexões e questionamentos sobre políticas da memória, ou seja, quem pode ser esquecido numa sociedade forjada pelo racismo e pelo colonialismo?

Artistas como Rosana Paulino, Aline Motta e Lorraine O’Grady são um exemplo de busca e afirmação da memória por meio das fotografias de família, minha pesquisa intitulada Narrativas que se encontram segue também essa intenção. A discussão sobre esse processo de incluir imagens de si, dos familiares e até de desconhecidos aparece na arte contemporânea como uma urgência de afirmação identitária e justiça, falarei sobre esse assunto mais adiante.

É importante ressaltar também como os pioneiros da fotografia em países africanos foram essenciais para mostrar outras realidades e um olhar de dentro, fotógrafos africanos não são vistos nem estudados de formas sistemática no Brasil, o que se configura numa lacuna, porque as imagens que chegam são carregadas de estereótipos do olhar hegemônico, como uma forma de apresentar outros imaginários falei sobre Meïssa Gaye (1892-1982) que é considerado o pai da fotografia no Senegal, suas fotos de estúdio mostram homens e mulheres assentados em sua cultura mostrando suas vestes, joias e penteados tradicionais, mas também a influência da moda europeia, o destaque são os retratos autênticos, composição simples, mas eficaz para deixar na história a beleza daquelas pessoas.

A fotógrafa Felicia Abban nasceu em 1935, foi a primeira fotógrafa profissional de Gana, aprendeu a fotografar com seu pai, Joseph Emmanuel Ansah, quando abriu o seu estúdio usou seus autorretratos como cartão de visita. Com a independência de Gana em 1956, Felicia se tornou a fotógrafa oficial do primeiro presidente, Kwame Nkrumah. Suas fotos de estúdios apresentam um número grande de retratos femininos e retratos de família. Embora seu trabalho

tenha sido apresentado no cenário mundial no Pavilhão de Gana da Bienal de Veneza em 2019, sua obra ainda não foi bem documentada, inclusive não há textos em português sobre a sua produção, o mesmo acontece com

Meïssa Gaye. Falar sobre esses fotógrafos também é uma reparação histórica e um desejo que a pesquisa gere interesse em outros artistas e seja ampliada.

O espanto que o ocidente tem ao se deparar com a produção visual feita nas culturas africanas leva para essa negação de que foi na África que a humanidade surgiu. Então é evidente que a arte é algo genuíno nas culturas ancestrais africanas, a arte está na vida, no cotidiano, no corpo, nas vestes, nos rituais e em toda forma simbólica do existir. A criação de imagens coloniais se contrapõe com todo conhecimento surgido na África: ciência, filosofia, matemática e toda a complexidade da existência humana que é manifestada na arte.

Artistas da diáspora fazem uso da cultura ancestral, da memória que emerge do sentir e de toda expertise da experiência radical do viver, uma dessas artistas já citadas é a Lorraine O'Grady, na instalação fotográfica *Miscegenated*

Family Album, de 1994, a artista cria dipticos com fotos de sua família, aproxima fotografias de sua irmã Devonia Evangeline com Nefertiti e outros membros da 18ª dinastia, faraó, princesas e rainha do antigo Egito (Kemet), conectando assim pelas imagens narrativas distantes, mas aproximando pelas semelhanças dos rostos, gestos e poses. Essa obra surge do luto, após a morte de sua irmã mais velha, apesar de sua subjetividade e narrativa pessoal, a artista possibilita para os afro diaspóricos se reconhecerem numa história que antecede as invasões e sequestros que resulta no grande trauma da colonização, que é a fragmentação da família. Sua sensibilidade ao afirmar a negritude dos faraós é ousada e enfrenta o racismo de forma a questionar a própria estrutura da história da arte.

Assim como Lorraine O'Grady comecei a incluir imagens minhas e da minha família, no meu projeto artístico e educativo Narrativas que se encontram (2015), que são imagens que dialogam entre si, unidas pela minha memória evoco um parentesco pelas imagens, nas colagens digitais crio um fio com a África ancestral, uma forma de pensar e sentir a memória sem o risco da linearidade, mas mergulhando no tempo

espiralar.



Narrativas que se encontram - Busto da rainha Nefertiti, escultura atribuída a Tutmés, 18ª dinastia, antigo Egito (Kemet), 1345, a.C., Neues Museum, Berlim, Alemanha e fotografia da artista Elidayana Alexandrino com 17 anos, 2004, arquivo pessoal.

Todo esse processo de reconhecimento me faz lembrar das palavras da professora Aza Njeri:

Pessoas negras, assim como indígenas, cada vez que se movem, causam uma perturbação a monotonia ocidental, colocando-a em suspeição e histeria. Quando uma pessoa negra se apodera da sua agência africana, ela instaura Ato Político-Poético de sobrevivência e humanidade. Político, porque ser negro é um tropo de éticas que se estruturam em políticas do micro ao macro e, poético, porque viver em plenitude é um ato de mais pura poesia do Ser. (NJERI, Aza, 2020, p. 57).



Tomar consciência da história que nos foi negada e ressignificar nossas próprias imagens é um ato de amor, e amor aqui é entendido como um direito e uma forma de cura e justiça social.



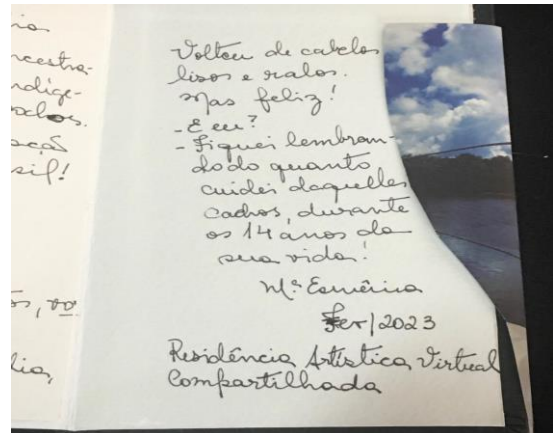
*Processo artístico de Afrokalíptico, 2022-2023 (xxix).*

Quando penso em amor no contexto da arte contemporânea me remeto a memória afetiva, porque o afeto empregado em algumas produções demonstra um imaginário fecundo de novas imagens e outras perspectivas sobre essa memória que não está atrelada apenas aos livros, a palavra escrita ou a história oficial, é no cotidiano que a vida acontece.

O educador-artista André Santos Bispo apresenta relações imagéticas no trabalho O que não se vê?, dípticos com fotografias de seu arquivo pessoal e fotos encontradas em sebos e antiquários, a maneira em que aproxima as cenas, pessoas e contextos diferentes, nos

oferece a oportunidade de pensar a respeito daquilo que está implícito e explícito nas nossas relações sociais. André nos convida a olhar e o ato de olhar é também político e mediado pela cultura a qual pertencemos.

Quando mexemos nas imagens algo se mexe também dentro de nós, causando transformações que perpassam o campo do sistema da arte e alcançam outras realidades. Assim como um álbum de família que está à espera de ser aberto e ouvido, a arte contemporânea é uma voz que deseja falar, encerro o texto com uma indagação para que essa conversa se estenda numa próxima página.



*Processo artístico de Maria Esmênia, 2022-2023 (xxx).*

Que imagens estamos gestando? Que imagens ainda não nasceram?

Que possamos ter a coragem de gestar o novo, maternar a memória que um dia será ancestral.

### Referências:

SILVA, Armando. *Albúm de Família: A imagem de nós mesmos*. Tradução de Sandra Martha Dolinsk. São Paulo: editora Senac São Paulo: Edições SESC SP, 2008.

<https://www.revuenoire.com/en/edition/5116>. Acesso em 28/04/2023.

<https://contemporaryand.com/magazines/felicia-abban-behind-the-scenes/>. Acesso em 29/04/2023.

<https://lorraineogrady.com/art/miscegenated-family-album/>. Acesso em 27/04/2023.

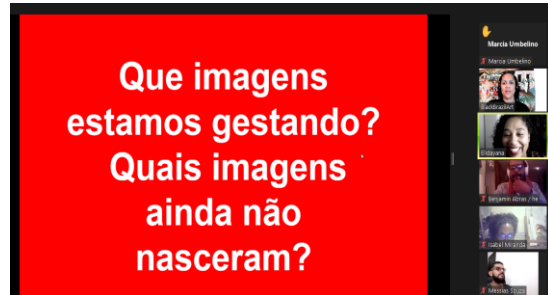
<https://projetoafro.com/artista/elidayana-alexandrino/>. Acesso em 29/04/2023.

MARTINS, Leda Maria. *Performances do tempo espiral, poéticas do corpo tela*. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

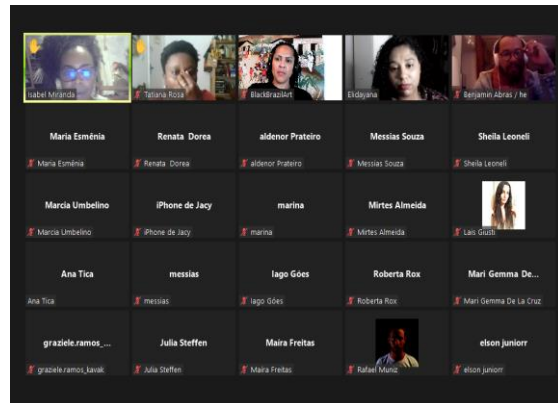
NJERI, Aza. *Amor: um ato político poético*. In: *Ética e filosofia: gênero, raça e diversidade cultural [recurso eletrônico]* / Franciele Monique Scopetc dos Santos; Diogo Silva Corrêa (Orgs.) - Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2020. Disponível em: <http://www.editorafi.org>. Acesso em 27/04/2023.

<https://andrepontobispo.wordpress.com/>. Acesso em 28/04/2023.

**Elidayana Alexandrino** (1986 – Paraíba) é artista visual, educadora e pesquisadora. Graduada em Artes Plásticas, licenciada em Educação Artística pela Universidade Braz Cubas (UBC). Desde 2012 atua em museus e centros culturais, desenvolvendo visitas educativas, oficinas e curadorias. Utiliza a fotografia como suporte de expressão e desenvolve pesquisas em que relaciona imagem, memória e cotidiano, também investiga a relação entre corpo, retrato e natureza.



*Print da apresentação da mentoria de Elidayana Alexandrino (xxxi).*



*Registro em residência artística com mentoria de Elidayana Alexandrino.*

# práticas e ideias sobre performance arte na perspectiva da cidade e dos fluxos da Cidade e dos fluxos das águas

Maíra Val Valente

Nos dias 04, 11 e 16 de março de 2023 tive a oportunidade de conduzir uma série de encontros, em formato de mentoria online, na segunda edição do programa da Residência Artística Virtual Compartilhada - RAVC da Black Brazil Art. Com duração de duas horas cada encontro, construí uma série de estratégias de aproximação dos artistas residentes com o pensamento da arte da performance e aquilo que ela pode implicar na dimensão coletiva e relacional da produção artística. Diferentemente de um minicurso em que questões teóricas dariam sustentação às ações produzidas, a mentoria teve o objetivo de lançar luz àquilo que já estaria em elaboração em cada uma das pesquisas poéticas.

A mentoria realizada no mês de março de 2023 se conectaria ao processo de finalização da própria residência. Ao invés de lançar novas questões, decidi por

auxiliar cada um dos artistas-residentes a encontrar uma atitude performática em sua própria produção. Neste sentido, antes mesmo do encontro, produzi uma estratégia em formato de correspondência online com proposições em formato de instruções:

Proposta 01: A imagem da água  
Busque o elemento água no espaço em que vive - na sua casa, na sua rua, no quarteirão da sua morada ou mesmo no seu bairro. Traga uma imagem desta água

Proposta 02: A água na paisagem  
Traga um breve texto-relato/ texto-

descrição sobre aquilo que constitui o entorno de onde está água. Ou seja, como é a paisagem em que essa água se encontra?

Proposta 03: O lugar do corpo de um instante vivido

De que forma estava seu corpo enquanto buscava pela imagem da água? De que forma estava seu corpo enquanto configurava/construía o texto-relato da paisagem?

Com estas três instruções iniciais, inspiradas na poética da artista japonesa Yoko Ono, tinha como expectativa de que cada um dos artistas-residentes pudesse me informar sobre como cada um 1) percebe um elemento específico (água) que está a sua volta; 2) como este se relaciona com sua existência e com isso constrói uma narrativa poética; e que por fim 3) devolve ao mundo à maneira de sua poética aquilo que foi percebe, ou seja, como cada um se expressa e mobiliza seu corpo para apresentar a sua poética (desenho, texto, fotografia, pintura, performance, etc.). Não era esperado que nenhum dos participantes do grupo trouxesse qualquer objeto ou forma acabada. As proposições deveriam ser apenas um disparador de ideias, formulações primárias ou mesmo uma reflexão sobre



*Processo artístico de Mari Gemma, 2022-2023 (xxxii).*

o que ode estar em jogo no processo de criação.

Com isso, no primeiro encontro 13 artistas do grupo inicial de residentes estiveram presentes. Apresentaram a realização de suas proposições, e aos que não conseguiram realizar no curto tempo entre o envio das propostas e do encontro, percebi que tentaram ali mesmo resolver para que de alguma maneira pudesse participar dessa primeira roda de apresentações. O tempo pareceu curto, ainda que todos tenham conseguido se colocar e

finalizamos na hora combinada. Considero esse primeiro encontro como uma "chegança", um momento em que pudéssemos mais uma vez revelar uma imagem plural das poéticas que compunham o grupo.

Para o segundo encontro, que aconteceria no sábado seguinte, pedi para que diante daquilo que foi percebido em sua experiência, uma nova ação pudesse ser realizada:

Proposta 04: A paisagem me olha

Ao se deparar com o corpo visitado na situação 01, perceba que o mesmo lhe olha. Descreva a sensação de como é ser visto?

No segundo encontro, ao abrir uma rodada de impressões, percebi que a tentativa de responder-propor disparou em alguns dos participantes o desejo de retorno para aquela paisagem já percebida para, então, se colocar como quem é visto.

Deste modo, alguns conseguiriam vislumbrar a sua maneira a intensão desta proposição por mim elaborada:

Será que ao me colocar diante do outro e minha tentativa de se relacionar já não poderia ser a própria ação poética?

Diante dessa situação criada em que o outro me percebe como alguém em ação no mundo, como eu me sinto? Em que lugar eu me coloco para deixar esse outro me perceber e como isso afeta o meu fazer poético?

Após uma rodada de impressões, com os participantes que retornaram ao segundo dia, realizamos um momento de agrupamento de palavras e ideias acerca de quatro palavras-conceitos: 1) Ação, 2) Cidade, 3) Corpo e 4) Fluxo. Usando um site chamado MentiMeter.com criamos de maneira síncrona quatro nuvens com palavras que se aproximariam com cada uma delas. Cada participante acesso, via link enviado no chat do encontro, cada uma das tarefas, nas quais deveriam acrescentar 5 palavras que se associassem àquilo que relacionaria como as palavras-conceitos pedidas. Ao final deste exercício conjunto, quatro nuvens de palavras foram geradas. Compartilhando com os participantes, eu os desafiei a criarem duas instruções distintas com as palavras ali postas e em grupo. Usamos a ferramenta de criação de duas salas de reunião em separado para que em 20 minutos os grupos pudessem criar suas proposições. As quais resultaram em:

Grupo de Mari, Laís e Mirtes

1) Vá num parque, caminhe por 10 minutos com fone de ouvido sem som, pare observe seu entorno e escreva uma frase do que sentiu e viu.

2) Não jogue lixo no rio

Grupo de Jacy, Isabel, Fiamma

Um carretel de linha em um envelope, juntamente com um postal com um escrito: MOVIMENTO\_\_\_\_\_ (em caixa alta e itálico) Sugerindo criação livre com o carretel. Como houve um envolvimento muito importante dos participantes da residência, propus um encontro extra para que tivessem tempo de decidir como elaborariam a resposta, de uma maneira mais elaborada e em coletivo para a proposição criada pelo outro grupo. Assim, dispus ao grupo a data do dia 16 de março de modo que compartilhássemos o trabalho de poucos dias, mas a partir de uma interação entre eles, bem como concluir com uma rodada de impressões sobre como aquela mentoria poderia reverberar em cada um dos processos.

Concluo este breve relatório com algumas importantes considerações. A primeira tem relação com a confiança por parte da Patrícia Brito, curadora do projeto, dada ao meu próprio processo de mentoria. Sua confiança e diretrizes

me permitiram expandir o tempo dos encontros por meio do envio das mensagens aos artistas. Um segundo tópico que fica como fundamental para a proposta da BienalBlack é da importância de realização de residências online para além do tempo que vivemos de isolamento social. A aproximação de diferentes contextos se faz muito rico, permitindo até mesmo a participação tanto de artistas de diferentes localidades e realidades, bem como a diversidade de mentorias propostas.



*Imagem do acervo da mentora Maira Val Valente (ccxiii).*

O chão após a chuva  
A chuva que me lavou a alma  
Enquanto colhia ora pró nóbis  
Me ensopei de amor

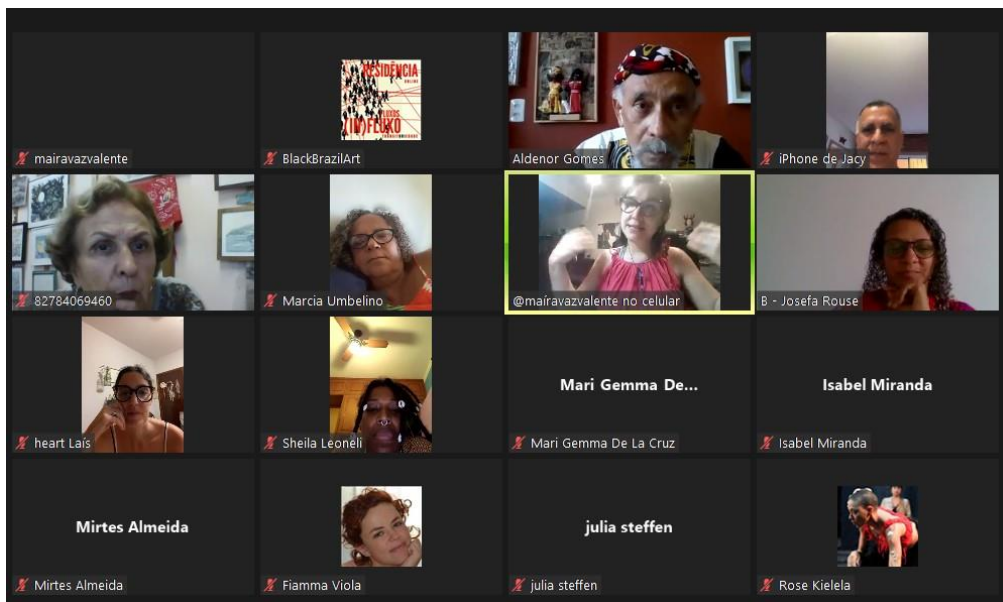
Neste sentido, puder perceber uma pluralidade importante no grupo, bem como nos processos de troca. Como um terceiro ponto que é bastante importante ressaltar tem relação com a afinidade com que cada artista cria/criou com os mentores, recorrendo, após o processo coletivo, à possibilidade de um encontro individual mais específico sobre suas produções.

Como contribuição da minha mentoria, penso que ao transformar meus encontros de quatro para 6 horas de duração, pude propor um processo mais dialógico. Quando ofereci ao grupo um encontro extra (16 de março), houve uma grande alegria, assim como um envolvimento produtivo e/ou significativo de pelo menos 8 participantes do grupo inicial.

Um pequeno grupo dos artistas-residentes, a questão da água e do urbano ativou o desejo de incorporar elementos e processo performáticos às obras finais da residência. Por fim, verifico um resultado bastante potente gerado pela mentoria porque alguns artistas, após essa mentoria coletiva, buscaram contato para que pudessem realizar atendimentos pontuais. Ao me colocar à disposição, tive a alegria de trocar e-mails com a artista Mirtes de Menezes que teve o desejo de compartilhar um projeto de performance e me pediu auxílio para a elaboração do processo. Já outro atendimento aconteceu em videochamada, no início do mês de abril com a artista Fiamma Viola. Neste encontro via GoogleMeet, a artista-residente me apresentou um projeto poético que tinha interesse em apresentar como finalização da residência, e que gostaria de olhar, bem como auxílio para trabalhar as diferentes formas de registro das ações realizadas.

É perfeito ser visto pela água  
Cada gota, cada pocinha me olhando de volta  
Só me traz amor

*Imagem do acervo da mentora (xxxiv)*



*RAVC-2, Obra acervo de Máira Val Valente (acima) e de Mari Gemma (abaixo), 2022-2023*

**Máira Vaz Valente** (São Bernardo do Campo, 1981) é artista e professora de arte. Trabalha a questões da performance na perspectiva das questões socioambientais com ênfase nas águas por meio do campo da visualidade. Suas proposições se desdobram em suas ações diretas, colaborativas ou participativas. Atualmente realiza mestrado em Poéticas Visuais no departamento de Artes Visuais (CAP) na USP, onde também cursou licenciatura em Artes Visuais (2004-2009).



# RAVC-2

## Aula aberta



**DR. ANTONIO CUYLER** - Como líder de pensamento na indústria criativa sobre acesso, diversidade e equidade, ele é autor do livro *Access, Diversity, Equity and Inclusion in Cultural Organizations: Insights from the Careers of Executive Opera Managers of Color in the U.S.*, e editor de *Arts Management, Cultural Policy, & the African Diaspora*. Ele possui um doutorado e atualmente atua como Diretor do Programa de Mestrado e Professor Associado de Administração de Artes na Florida State University (FSU).

A graphic with a dark blue background and red geometric line patterns. It contains the following text:

Aula inaugural

[Regenerate response](#)

FLUXOS (IN)FLUXO  
TRANSITORIEDADE

Programa de Residência Artística On-line

# RAVC-2

## Aula aberta



**DRA. ANNETTE WILLIAMS** - Professora Associada e Coordenadora do programa de Espiritualidade Feminina no California Institute of Integral Studies. Ela possui um doutorado em Filosofia e Religião, com especialização em Espiritualidade Feminina. Seus interesses de pesquisa estão centrados na cura da alma após traumas sexuais e no tema do poder espiritual e agência das mulheres dentro da tradição Yorùbá Ifá. Seu trabalho mais recente é "Wisdom of the Primordial Feminine, Wisdom of Women: Odù Ifá and Yoruba Religious Tradition" em Philo-Sophia: Wisdom Goddess Traditions.





**Residência Artística**  
**Virtual** Compartilhada  
**Relatório de Processos**  
e Práticas Artísticas  
em Residência **Colaborativa**

**INSTITUTO BLACK BRAZIL ART**

Telefone: (47) 98911-0055

e-mail: [blackbrazilarte@gmail.com](mailto:blackbrazilarte@gmail.com)

[www.blackbrazilart.com.br](http://www.blackbrazilart.com.br)



### **SOBRE A BLACK BRAZIL ART**

A Black Brazil Art (BBA) é um instituto independente de gerenciamento de artes com sede na região sul do Brasil. Assessora museus e outras entidades artísticas, mas sua vocação principal é promover a arte e artistas. Nossas ações baseiam-se nos princípios de equidade de gênero para uma melhor diversidade artística.

Capa: Black Brazil Art

Residência Artística Virtual Compartilhada

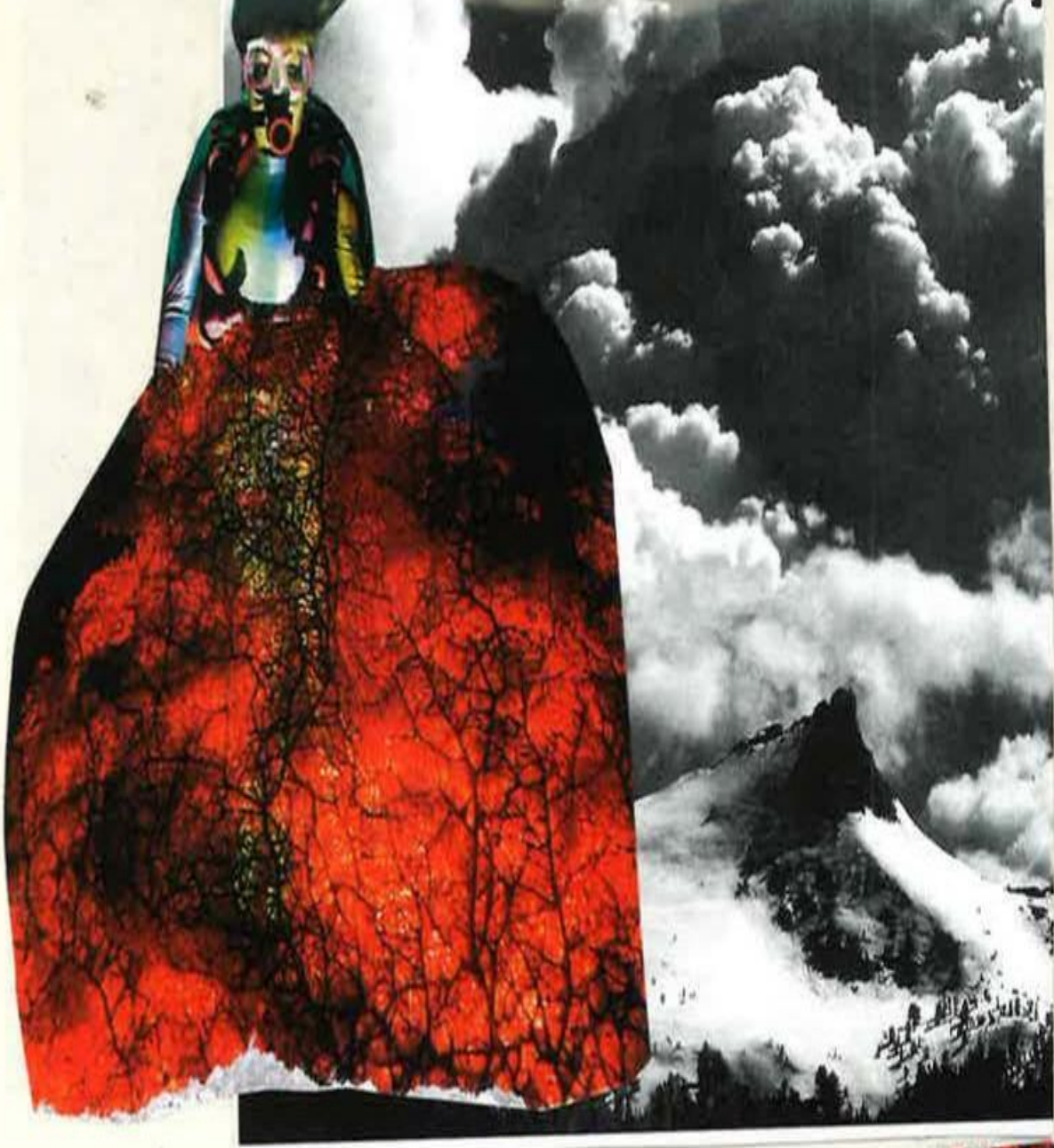
Anais (relatório) de Processos e Práticas Artísticas em Residência Colaborativa

Edição RAVC-1, 2012 e Edição RAVC-2, 2022-2023

Relatório. (Anais). Residência Artística. Escrituras de Processos Artísticos.

Contêm fotografias e textos.

Textos de: Andrea Hiromi. Claudia Prechedes. Luanda. Patrícia Brito. Priscila Costa de Oliveira. Isabela Viana. Dani Vilas Bôas. Luciana Conceição. Flavia Fabiana. Máira Val Valente. Thais Alessandra. Elidayana Alexandrino.



**BLACK BRAZIL ART**  
**2023**